



Estende a tua mão
ao pobre
2020

Apresentação

“*Estende a tua mão ao pobre*”. Essas palavras do livro do Sirácida (Eclesiástico) são utilizadas pelo Papa Francisco este ano para chamar a atenção sobre a grande história de pobreza que abraça inteiras nações. A pandemia que o mundo está vivendo trouxe à tona uma pobreza de que muitos tinham esquecido: a *fragilidade*. O pobre é, por definição, frágil, pois carece do necessário e a sua existência depende da generosidade e da solidariedade alheias. Por mais paradoxal que possa parecer, a Covid permitiu-nos descobrir que somos todos frágeis e que dependemos uns dos outros. Ninguém está excluído dessa condição. Os grandes da terra, os poderosos do mundo e as pessoas nas ruas estão todos na mesma balança. A máscara de proteção cobrindo o rosto pode ser uma primeira defesa, mas o vírus se insinua independentemente das boas intenções de cada um. Não nos salvamos sozinhos, mas apenas juntos. Imagens que ainda estão impressas nos nossos olhos mostraram a generosidade de tantas pessoas que realmente ofereceram a própria vida para ajudar a quem necessitava. Houve quem sentiu o dever de defini-los até mesmo como “heróis”, já que não estamos mais acostumados a ver gestos de vida quotidiana nos quais o empenho e a generosidade são usuais e companheiros do caminho de todos.

A mão estendida jamais pode ter um sentido único. Quem estende a mão deve ter a certeza de que será alcançado por outra mão. A ajuda é recíproca. Não se deveria poder distinguir nem mesmo quem estende a mão primeiro. Todos têm necessidades e todos recebem algo: quem estende a mão para pedir deve poder contar com a solidariedade e quem ajuda deve ter consciência de sua responsabilidade. A debilidade e a fragilidade se apresentam com diferentes faces, mas em cada uma está presente o rosto de Jesus Cristo que deseja ser reconhecido. Não podemos desviar o olhar: seria uma traição, primeiramente, a nós mesmos, pois nos tornaríamos ainda mais frágeis. Fechados em nós mesmos, buscamos defesas que não podem ser asseguradas por ninguém, já que as mesmas existem somente quando se reconhece a importância do outro. A fragilidade pessoal se supera com a força da comunidade.

Neste ano, portanto, o *Dia Mundial dos Pobres* entra mais diretamente em cada uma de nossas casas. A consciência da fragilidade experimentada nos meses de confinamento habilita-nos a redescobrir a exigência daqueles que, todos os dias, vivem próximos de nós e trazem permanentemente em seus corpos as marcas daquilo que nós vivemos só por alguns dias. Urge que não nos esqueçamos disso. A *Mensagem* do Papa Francisco nos ajuda muito nesse sentido, pois traz de volta para o primeiro plano a concretude dos gestos enriquecedores frente à pobreza daqueles momentos. “A mão estendida do médico que se preocupa de cada paciente, procurando encontrar o remédio certo. A mão estendida da enfermeira e do enfermeiro que permanece, muito para além dos seus horários de trabalho, a cuidar dos doentes. A mão estendida de quem trabalha na administração

e providencia os meios para salvar o maior número possível de vidas. A mão estendida do farmacêutico exposto a inúmeros pedidos num arriscado contato com as pessoas. A mão estendida do sacerdote que, com o coração partido, continua a abençoar. A mão estendida do voluntário que socorre quem mora na rua e a quantos, embora possuindo um teto, não têm nada para comer. A mão estendida de homens e mulheres que trabalham para prestar serviços essenciais e segurança. E poderíamos enumerar ainda outras mãos estendidas, até compor uma ladainha de obras de bem. Todas estas mãos desafiaram o contágio e o medo, a fim de dar apoio e consolação” (n. 6).

Diante desses sinais de grande humanidade e responsabilidade, o Papa Francisco contrapõe, porém, a imagem dos que “conservam as mãos nos bolsos e não se deixam comover pela pobreza, da qual frequentemente são cúmplices também eles” (n. 9). O elenco de situações, felizmente mais breve – o que testemunha como o bem é, de longe, superior à ganância de poucos –, descreve igualmente cenas da vida quotidiana: “Existem mãos estendidas para premer rapidamente o teclado dum computador e deslocar somas de dinheiro duma parte do mundo para outra, decretando a riqueza de restritas oligarquias e a miséria de multidões ou a falência de nações inteiras. Há mãos estendidas a acumular dinheiro com a venda de armas que outras mãos, incluindo mãos de crianças, utilizarão para semear morte e pobreza. Existem mãos estendidas que, na sombra, trocam doses de morte para se enriquecer e viver no luxo e num efêmero desregramento. Existem mãos estendidas que às escondidas trocam favores ilegais para um lucro fácil e corrupto. E há também mãos estendidas que, numa hipócrita respeitabilidade, estabelecem leis que eles mesmos não observam” (n. 9). São palavras duras, mas, infelizmente, verdadeiras, que mostram quanta falta de responsabilidade social ainda existe no mundo hodierno, a qual termina por gerar bolsões de extrema pobreza que crescem desmedidamente.

A “mão estendida” é um convite a assumir a responsabilidade de oferecer a própria contribuição. Isso fica evidente em gestos de vida quotidiana capazes de aliviar a sorte dos que vivem no desconforto e carecem do tratamento segundo a dignidade de filhos de Deus. Papa Francisco não teme identificar tais pessoas como verdadeiros santos, aqueles “da porta ao lado” que, com simplicidade, sem fazer barulho ou propaganda, oferecem o genuíno testemunho do amor cristão. A presença massiva de tantos rostos pobres exige dos cristãos que se coloquem sempre na primeira linha e sintam a urgência de reconhecer que a eles próprios falta algo essencial no momento em que um pobre se apresenta diante deles: “Não podemos sentir-nos tranquilos, quando um membro da família humana é relegado para a retaguarda, reduzindo-se a uma sombra” (n. 4), escreve o Papa Francisco na sua *Mensagem*. É como se estivesse a convidar-nos a fazer nosso o “coração inquieto” de santo Agostinho, a permanecer em desassossego enquanto não encontrarmos Deus impresso no rosto do pobre.

A pobreza da pandemia permitiu que fosse redescoberta a exigência da oração. E isso não é pouco. Muito provavelmente, essa exigência decorre de uma dupla emoção. Por um lado, do medo que atormenta os nossos dias, pois, como já se mencionou, nós nos sentimos debilitados, frágeis. Por outro lado, do saber que existe uma força que vai além de nós mesmos, que supera o mundo e continua a conservá-lo em vida pela sua misericórdia. Para além das emoções, que são, frequentemente, passageiras, seria necessário conservar com tenacidade a necessidade da oração. Esta não só permite elevar a mente e o coração a Deus, mas também nos obriga a ver o rosto dos irmãos. Elevamos o olhar a Deus para pedir que Ele olhe por nós e pelos irmãos. A oração é escuta da voz de Deus que fala no silêncio e alcança o coração de cada pessoa que se coloca diante Dele para render-lhe, acima de tudo, louvor e glória. E, assim sendo, justamente na escuta da relação com Deus, a oração se converte em apresentação daquilo que o ser humano necessita. Nesse espaço, é possível descobrir a proximidade de Deus que jamais nos deixa sós. O tempo da oração se transforma em espera, esperança e obediência à sua Palavra. E, enfim, compreende-se o que é verdadeiramente essencial, aquilo pelo qual vale verdadeiramente a alegria de viver apesar da presença da provação.

O *Dia Mundial dos Pobres*, assim, não se resume a um gesto esporádico de generosidade, mas se faz, mais uma vez, intérprete para entrar com mais força no íntimo de cada um. A solidariedade se difunde e se torna caridade verdadeira, pois é movida pela oração que sabe compreender as profundas exigências dos irmãos que vivem comigo à luz da presença de Deus.

✠ Rino Fisichella

*Presidente do Conselho Pontifício
para a Promoção da Nova Evangelização*

Mensagem do Santo Padre Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres

“Estende a tua mão ao pobre” (Sir 7,32)

«Estende a tua mão ao pobre» (Sir 7,32): a sabedoria antiga dispôs estas palavras como um código sacro que se deve seguir na vida. Hoje ressoam com toda a densidade do seu significado para nos ajudar, também a nós, a concentrar o olhar no essencial e superar as barreiras da indiferença. A pobreza assume sempre rostos diferentes, que exigem atenção a cada condição particular: em cada uma destas, podemos encontrar o Senhor Jesus, que revelou estar presente nos seus irmãos mais frágeis (cf. Mt 25,40).

1. Tomemos nas mãos o *Ben-Sirá*, um dos livros do Antigo Testamento. Nele encontramos as palavras dum mestre da sabedoria que viveu cerca de duzentos anos antes de Cristo. Andava à procura da sabedoria que torna os homens melhores e capazes de perscrutar profundamente as vicissitudes da vida. E fê-lo num período de dura prova para o povo de Israel, um tempo de dor, luto e miséria por causa da dominação de potências estrangeiras. Sendo um homem de grande fé, enraizado nas tradições dos pais, o seu primeiro pensamento foi dirigir-se a Deus para Lhe pedir o dom da sabedoria. E o Senhor não lhe deixou faltar a sua ajuda.

Desde as primeiras páginas do livro, Ben-Sirá propõe os seus conselhos sobre muitas situações concretas da vida, sendo a pobreza uma delas. Insiste que, na contrariedade, é preciso ter confiança em Deus: «Não te perturbes no tempo do infortúnio. Conserva-te unido a Ele e não te separe, para teres bom êxito no teu momento derradeiro. Aceita tudo o que te acontecer e tem paciência nas vicissitudes da tua humilhação, porque no fogo se prova o ouro, e os eleitos de Deus no cadinho da humilhação. Nas doenças e na pobreza, confia n’Ele. Confia em Deus e Ele te salvará, endireita os teus caminhos e espera n’Ele. Vós que temeis o Senhor, esperai na sua misericórdia, e não vos afasteis, para não cairdes» (2,2-7).

2. Página a página, descobrimos um precioso compêndio de sugestões sobre o modo de agir à luz duma relação íntima com Deus, criador e amante da criação, justo e providente para com todos os seus filhos. Mas, a constante referência a Deus não impede de olhar para o homem concreto; pelo contrário, as duas realidades estão intimamente conexas.

Demonstra-o claramente o texto donde se tirou o título desta Mensagem (cf. 7,29-36). São inseparáveis a oração a Deus e a solidariedade com os pobres e os enfermos. Para celebrar um culto agradável ao Senhor, é preciso reconhecer que toda a pessoa, mesmo a mais indigente e desprezada, traz gravada em si mesma a imagem de Deus. De tal consciência deriva o dom da bênção divina, atraída pela generosidade praticada para com os pobres. Por isso, o tempo que se deve dedicar à oração não pode tornar-se jamais um alibi para descuidar o próximo em dificuldade. É verdade o contrário: a bênção do Senhor desce sobre nós e a oração alcança o seu objetivo, quando são acompanhadas pelo serviço dos pobres.

3. Como permanece atual, também para nós, este ensinamento! Na realidade, a Palavra de Deus ultrapassa o espaço, o tempo, as religiões e as culturas. A generosidade que apoia o vulnerável, consola o aflito, mitiga os sofrimentos, devolve dignidade a quem dela está privado, é condição para uma vida plenamente humana. A opção de prestar atenção aos

pobres, às suas muitas e variadas carências, não pode ser condicionada pelo tempo disponível ou por interesses privados, nem por projetos pastorais ou sociais desencarnados. Não se pode sufocar a força da graça de Deus pela tendência narcisista de se colocar sempre a si mesmo no primeiro lugar.

Manter o olhar voltado para o pobre é difícil, mas tão necessário para imprimir a justa direção à nossa vida pessoal e social. Não se trata de gastar muitas palavras, mas antes de comprometer concretamente a vida, impelidos pela caridade divina. Todos os anos, com o Dia Mundial dos Pobres, volto a esta realidade fundamental para a vida da Igreja, porque os pobres estão e sempre estarão conosco (cf. *Jo 12,8*) para nos ajudar a acolher a companhia de Cristo na existência do dia a dia.

4. O encontro com uma pessoa em condições de pobreza não cessa de nos provocar e questionar. Como podemos contribuir para eliminar ou pelo menos aliviar a sua marginalização e o seu sofrimento? Como podemos ajudá-la na sua pobreza espiritual? A comunidade cristã é chamada a coenvolver-se nesta experiência de partilha, ciente de que não é lícito delegá-la a outros. E, para servir de apoio aos pobres, é fundamental viver pessoalmente a pobreza evangélica. Não podemos sentir-nos tranquilos, quando um membro da família humana é relegado para a retaguarda, reduzindo-se a uma sombra. O clamor silencioso de tantos pobres deve encontrar o povo de Deus na vanguarda, sempre e em toda parte, para lhes dar voz, defendê-los e solidarizar-se com eles face a tanta hipocrisia e tantas promessas não cumpridas, e para os convidar a participar na vida da comunidade.

É verdade que a Igreja não tem soluções globais a propor, mas oferece, com a graça de Cristo, o seu testemunho e gestos de partilha. Além disso, sente-se obrigada a apresentar os pedidos de quantos não têm o necessário para viver. Lembrar a todos o grande valor do bem comum é, para o povo cristão, um compromisso vital, que se concretiza na tentativa de não esquecer nenhum daqueles cuja humanidade é violada nas suas necessidades fundamentais.

5. Estender a mão leva a descobrir, antes de tudo a quem o faz, que dentro de nós existe a capacidade de realizar gestos que dão sentido à vida. Quantas mãos estendidas se veem todos os dias! Infelizmente, sucede sempre com maior frequência que a pressa faz cair num turbilhão de indiferença, a tal ponto que se deixa de reconhecer todo o bem que se realiza diariamente no silêncio e com grande generosidade. Assim, só quando acontecem factos que transtornam o curso da nossa vida é que os olhos se tornam capazes de vislumbrar a bondade dos santos «ao pé da porta», «daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus» (Francisco, Exort. ap. *Gaudete et exsultate*, 7), mas dos quais ninguém fala. As más notícias abundam de tal modo nas páginas dos jornais, nos sites da internet e nos visores da televisão, que faz pensar que o mal reine soberano. Mas não é assim. Certamente não faltam a malvadez e a violência, a prepotência e a corrupção, mas a vida está tecida por atos de respeito e generosidade que não só compensam o mal, mas impelem a ultrapassá-lo permanecendo cheios de esperança.

6. Estender a mão é um sinal: um sinal que apela imediatamente à proximidade, à solidariedade, ao amor. Nestes meses, em que o mundo inteiro foi dominado por um vírus que trouxe dor e morte, desconforto e perplexidade, pudemos ver tantas mãos estendidas! A mão estendida do médico que se preocupa de cada paciente, procurando encontrar o remédio certo. A mão estendida da enfermeira e do enfermeiro que permanece, muito para além dos seus

horários de trabalho, a cuidar dos doentes. A mão estendida de quem trabalha na administração e providencia os meios para salvar o maior número possível de vidas. A mão estendida do farmacêutico exposto a inúmeros pedidos num arriscado contato com as pessoas. A mão estendida do sacerdote que, com o coração partido, continua a abençoar. A mão estendida do voluntário que socorre quem mora na rua e a quantos, embora possuindo um teto, não têm nada para comer. A mão estendida de homens e mulheres que trabalham para prestar serviços essenciais e segurança. E poderíamos enumerar ainda outras mãos estendidas, até compor uma ladainha de obras de bem. Todas estas mãos desafiaram o contágio e o medo, a fim de dar apoio e consolação.

7. Esta pandemia chegou de improviso e apanhou-nos impreparados, deixando uma grande sensação de desorientamento e impotência. Mas, a mão estendida ao pobre não chegou de improviso. Antes, dá testemunho de como nos preparamos para reconhecer o pobre a fim de o apoiar no tempo da necessidade. Não nos improvisamos instrumentos de misericórdia. Requer-se um treino diário, que parte da consciência de quanto nós próprios, em primeiro lugar, precisamos duma mão estendida em nosso favor.

Este período que estamos a viver colocou em crise muitas certezas. Sentimo-nos mais pobres e mais vulneráveis, porque experimentamos a sensação da limitação e a restrição da liberdade. A perda do emprego, dos afetos mais queridos, como a falta das relações interpessoais habituais, abriu subitamente horizontes que já não estávamos acostumados a observar. As nossas riquezas espirituais e materiais foram postas em questão e descobrimo-nos amedrontados. Fechados no silêncio das nossas casas, descobrimos como é importante a simplicidade e o manter os olhos fixos no essencial. Amadureceu em nós a exigência duma nova fraternidade, capaz de ajuda recíproca e estima mútua. Este é um tempo favorável para «voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo (...). Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade (...). Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento duma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente» (Francisco, Carta enc. *Laudato si'*, 229). Enfim, as graves crises económicas, financeiras e políticas não cessarão enquanto permitirmos que permaneça em letargo a responsabilidade que cada um deve sentir para com o próximo e toda a pessoa.

8. «Estende a mão ao pobre» é, pois, um convite à responsabilidade, sob forma de empenho direto, de quem se sente parte do mesmo destino. É um encorajamento a assumir os pesos dos mais vulneráveis, como recorda São Paulo: «Pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros. É que toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: ama o teu próximo como a ti mesmo. (...) Carregai as cargas uns dos outros» (*Gl* 5,13-14; 6,2). O Apóstolo ensina que a liberdade que nos foi dada com a morte e ressurreição de Jesus Cristo é, para cada um de nós, uma responsabilidade para colocar-se ao serviço dos outros, sobretudo dos mais frágeis. Não se trata duma exortação facultativa, mas duma condição da autenticidade da fé que professamos.

E aqui volta o livro de *Ben-Sirá* em nossa ajuda: sugere ações concretas para apoiar os mais vulneráveis e usa também algumas imagens sugestivas. Primeiro, toma em consideração a debilidade de quantos estão tristes: «Não fujas dos que choram» (7,34). O período da

pandemia constrangeu-nos a um isolamento forçado, impedindo-nos até de poder consolar e estar junto de amigos e conhecidos atribulados com a perda dos seus entes queridos. E, depois, afirma o autor sagrado: «Não sejas preguiçoso em visitar um doente» (7,35). Experimentamos a impossibilidade de estar junto de quem sofre e, ao mesmo tempo, tomamos consciência da fragilidade da nossa existência. Enfim, a Palavra de Deus nunca nos deixa tranquilos e continua a estimular-nos para o bem.

9. «Estende a mão ao pobre» faz ressaltar, por contraste, a atitude de quantos conservam as mãos nos bolsos e não se deixam comover pela pobreza, da qual frequentemente são cúmplices também eles. A indiferença e o cinismo são o seu alimento diário. Que diferença relativamente às mãos generosas que acima descrevemos! Com efeito, existem mãos estendidas para premer rapidamente o teclado dum computador e deslocar somas de dinheiro duma parte do mundo para outra, decretando a riqueza de restritas oligarquias e a miséria de multidões ou a falência de nações inteiras. Há mãos estendidas a acumular dinheiro com a venda de armas que outras mãos, incluindo mãos de crianças, utilizarão para semear morte e pobreza. Existem mãos estendidas que, na sombra, trocam doses de morte para se enriquecer e viver no luxo e num efêmero desregramento. Existem mãos estendidas que às escondidas trocam favores ilegais para um lucro fácil e corruto. E há também mãos estendidas que, numa hipócrita respeitabilidade, estabelecem leis que eles mesmos não observam.

Neste cenário, «os excluídos continuam a esperar. Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 54). Não poderemos ser felizes enquanto estas mãos que semeiam morte não forem transformadas em instrumentos de justiça e paz para o mundo inteiro.

10. «Em todas as tuas obras, lembra-te do teu fim» (*Sir* 7,36): tal é a frase com que Ben-Sirá conclui a sua reflexão. O texto presta-se a uma dupla interpretação. A primeira destaca que precisamos de ter sempre presente o fim da nossa existência. A lembrança do nosso destino comum pode ajudar a conduzir uma vida sob o signo da atenção a quem é mais pobre e não teve as mesmas possibilidades que nós. Mas existe também uma segunda interpretação, que evidencia principalmente a finalidade, o objetivo para o qual tende cada um. É a finalidade da nossa vida que exige um projeto a realizar e um caminho a percorrer sem se cansar. Pois bem! O objetivo de cada ação nossa só pode ser o amor: tal é o objetivo para onde caminhamos, e nada deve distrair-nos dele. Este amor é partilha, dedicação e serviço, mas começa pela descoberta de que primeiro fomos nós amados e despertados para o amor. Esta finalidade aparece no momento em que a criança se cruza com o sorriso da mãe, sentindo-se amada pelo próprio facto de existir. De igual modo um sorriso que partilhamos com o pobre é fonte de amor e permite viver na alegria. Possa então a mão estendida enriquecer-se sempre com o sorriso de quem não faz pesar a sua presença nem a ajuda que presta, mas alegra-se apenas em viver o estilo dos discípulos de Cristo.

Neste caminho de encontro diário com os pobres, acompanha-nos a Mãe de Deus que é, mais do que qualquer outra, a Mãe dos pobres. A Virgem Maria conhece de perto as dificuldades e os sofrimentos de quantos estão marginalizados, porque Ela mesma Se viu a

dar à luz o Filho de Deus num estábulo. Devido à ameaça de Herodes, fugiu, juntamente com José, seu esposo, e o Menino Jesus, para outro país e, durante alguns anos, a Sagrada Família conheceu a condição de refugiados. Possa a oração à Mãe dos pobres acomunar estes seus filhos prediletos e quantos os servem em nome de Cristo. E a oração transforme a mão estendida num abraço de partilha e reconhecida fraternidade.

Roma, em São João de Latrão, na Memória litúrgica de Santo Antônio, 13 de junho de 2020.

HOMILIA DO SANTO PADRE FRANCISCO

Santa Missa – Basilica Vaticana

III Dia Mundial dos Pobres

XXXIII Domingo do Tempo Comum, 17 de novembro de 2019

Hoje, no Evangelho, Jesus deixa os seus contemporâneos, e nós também, surpreendidos; precisamente no momento em que alguém elogiava a magnificência do templo de Jerusalém, diz Ele que não ficará «pedra sobre pedra» (Lc 21,6). Por que profere tais palavras sobre instituição tão sagrada, que não era apenas um edifício, mas um sinal religioso único, uma casa para Deus e para o povo crente? Por que profetiza que este ponto firme, nas certezas do povo de Deus, cairia? Por que deixa o Senhor que, no fim, se desmoronem as certezas, enquanto o mundo está cada vez mais carecido delas?

Procuremos respostas nas palavras de Jesus. Hoje diz-nos Ele que *quase* tudo passará: quase tudo, mas não *tudo*. Neste penúltimo domingo do Tempo Comum, explica que, a desmoronar-se, a passar são *as coisas penúltimas*, não as últimas: o templo, não Deus; os reinos e as vicissitudes da humanidade, não o homem. Passam as coisas penúltimas, que muitas vezes parecem definitivas, mas não são. São realidades grandiosas, como os nossos templos, e pavorosas, como terremotos, sinais no céu e guerras na terra (cf. 21,10-11): a nossos olhos parecem acontecimentos de primeira página, mas o Senhor coloca-os na segunda página. Na primeira, resta o que não passará jamais: o Deus vivo, infinitamente maior do que qualquer templo que Lhe construamos, e o homem, o nosso próximo, que vale mais do que dizem todas as crônicas do mundo. Então, para nos ajudar a compreender aquilo que conta na vida, Jesus acautela-nos de duas tentações.

A primeira é a tentação da pressa, do *imediatamente*. Para Jesus, não é preciso ir atrás daqueles que dizem que o fim chega imediatamente, que «o tempo está próximo» (21,8). Por outras palavras, não se devem seguir aqueles que difundem alarmismos e alimentam o medo do outro e do futuro, porque o medo paralisa o coração e a mente. E, no entanto, quantas vezes nos deixamos seduzir pela pressa de querer saber *tudo e imediatamente*, pelo prurido da curiosidade, pela última notícia clamorosa ou escandalosa, pelas crônicas morbosas, pela gritaria daqueles que berram mais alto e mais enraivecidos, por quem diz «agora ou nunca mais». Mas esta pressa, este *tudo e imediatamente* não vem de Deus. Se nos afadigarmos pelo *imediatamente*, esqueceremos o que permanece para *sempre*: seguimos as nuvens que passam, e perdemos de vista o céu. Atraídos pelo último alarido, deixamos de encontrar tempo para Deus e para o irmão que vive ao nosso lado. Como tudo isto é verdade hoje! Com a mania de correr, de dominar tudo e imediatamente, incomoda-nos quem fica para trás; e consideramo-lo descartável. Quantos idosos, nascituros, pessoas com deficiência, pobres... considerados inúteis! Vamos com pressa, sem nos preocuparmos que aumentem os desníveis, que a ganância de poucos aumente a pobreza de muitos.

Como antídoto à pressa, Jesus propõe-nos hoje a cada um a *perseverança*: «pela vossa constância é que sereis salvos» (21,19). A perseverança é avançar dia a dia com os olhos fixos naquilo que não passa: o Senhor e o próximo. Por isso mesmo, a perseverança é o dom de Deus com que se conservam todos os outros dons d'Ele (cf. Santo Agostinho, *De dono perseverantiae*, 2, 4). Para cada um de nós e para nós como Igreja, peçamos a graça de perseverar no bem, de não perder de vista aquilo que conta.

Há um segundo engano de que nos quer desviar Jesus, quando afirma: «Muitos virão em meu nome, dizendo “sou eu”. (...) Não os sigais» (21,8). É *a tentação do eu*. Ora o cristão,

dado que não procura o *imediatamente* mas o *sempre*, não é um discípulo do *eu*, mas do *tu*. Isto é, não segue as sereias dos seus caprichos, mas a solicitação do amor, a voz de Jesus. E como se distingue a voz de Jesus? «Muitos virão *em meu nome*»: diz o Senhor. Mas não devemos segui-los. Não é suficiente ter o rótulo de «cristão» ou de «católico» para ser de Jesus. É preciso falar a mesma linguagem de Jesus: a linguagem do amor, *a linguagem do tu*. Não fala a linguagem de Jesus quem diz *eu*, mas quem sai do próprio eu. Todavia quantas vezes, mesmo ao fazer o bem, reina a *hipocrisia do eu*: faço o bem, mas para ser considerado virtuoso; dou, mas para receber em troca; ajudo, mas para ganhar a amizade daquela pessoa importante. Isto é falar *a linguagem do eu*. Ao contrário, a Palavra de Deus incita-nos a um amor não hipócrita (cf. *Rm 12,9*), a dar àqueles que não têm nada para restituir (cf. *Lc 14,14*), a servir sem procurar recompensas nem retribuições (cf. *Lc 6,35*). Então ponhamo-nos a questão: Eu ajudo alguém, de quem nada poderei receber? Eu, cristão, tenho ao menos um pobre por amigo?

Os pobres são preciosos aos olhos de Deus, porque não falam a linguagem do eu: não se aguentam sozinhos, com as próprias forças, precisam de quem os tome pela mão. Lembram-nos que o Evangelho se vive assim, como mendigos voltados para Deus. A presença dos pobres leva-nos de volta à aragem do Evangelho, onde são bem-aventurados os pobres em espírito (cf. *Mt 5,3*). Então, em vez de sentir aborrecimento, quando os ouvimos bater à nossa portas, podemos receber o seu grito de ajuda como uma chamada para sair do nosso eu, aceitá-los com o mesmo olhar de amor que Deus tem por eles. Como seria bom se os pobres ocupassem no nosso coração o lugar que têm no coração de Deus! Quando estamos com os pobres, quando servimos os pobres, aprendemos os gostos de Jesus, compreendemos o que permanece e o que passa.

E assim voltamos às perguntas iniciais. No meio de tantas coisas penúltimas, que passam, o Senhor quer lembrar-nos hoje a coisa última, que permanecerá para sempre: o amor, porque «Deus é amor» (*1Jo 4,8*), e o pobre que pede o meu amor leva-me diretamente a Ele. Os pobres facilitam-nos o acesso ao Céu: é por isso que o sentido da fé do povo de Deus os viu como *os porteiros do Céu*. Já desde agora, são o nosso tesouro, o tesouro da Igreja. Com efeito, desvendam-nos a riqueza que jamais envelhece, a riqueza que une terra e Céu e para a qual verdadeiramente vale a pena viver: o amor.

I Proposta

Lectio Divina “Lembrar-se dos pobres”

A Palavra de Deus...

... é escutada

Rm 15,25-27

De imediato, porém, tenho de ir a Jerusalém, em serviço aos santos. De fato, a Macedônia e a Acaia consideraram bom que se fizesse uma coleta para os santos de Jerusalém que estão na pobreza. Consideraram bom, sim, mas eles têm também uma certa dívida. Pois, se os pagãos participaram dos bens espirituais dos santos de Jerusalém, devem, por sua vez, servi-los com seus bens materiais.

1Cor 16,1-4

Quanto à coleta em favor dos santos, segui vós também as normas que tracei para as igrejas da Galácia. Todo primeiro dia da semana, cada qual separe livremente o que tenha conseguido economizar, de modo que não se espere a minha chegada para então recolher os donativos. Quando eu chegar, mandarei, com cartas de recomendação, aqueles que tiverdes escolhido para levarem a Jerusalém os vossos donativos. Se for conveniente que eu também vá, eles irão comigo.

2Cor 9,1-15

Quanto à ajuda aos santos, não é necessário escrever-vos. Pois conheço as vossas generosas disposições, e é por causa delas que me glorio de vós junto aos macedônios, dizendo-lhes: “A Acaia está preparada desde o ano passado”. Aliás, o vosso zelo estimulou grande número de igrejas. No entanto, envio os irmãos, para que estejais mesmo preparados, como dizia, e assim não seja considerado sem fundamento o orgulho que temos de vós, neste ponto. Com efeito, temo que, se alguns macedônios forem comigo e vos encontrarem despreparados, esta nossa confiança em vós seja motivo de vergonha para nós, ou antes, para vós. Julguei, pois necessário pedir aos irmãos que nos precedam entre vós e ponham em ordem os donativos da vossa generosidade, prometidos já faz tempo. E que esses sejam mesmo sinal de liberalidade e não de mesquinhez. É bom lembrar: “Quem semeia pouco também colherá pouco, e quem semeia com largueza colherá também com largueza”. Que cada um dê conforme tiver decidido em seu coração, sem pesar nem constrangimento, pois “Deus ama quem dá com alegria”. Deus é poderoso para vos cumular de toda sorte de graças, para que, em tudo, tenhais sempre o necessário e ainda tenhais de sobra para empregar em alguma boa obra, como está escrito: “Distribuiu generosamente, deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre”. Aquele que dá a semente ao semeador e lhe dará o pão como alimento, ele mesmo multiplicará as vossas sementes e aumentará os frutos da vossa justiça. Assim, tornando-vos ricos em tudo, podereis praticar toda espécie de liberalidade que, por nosso intermédio, resultará em ação de graças a Deus. Com efeito, esta ajuda comunitária não só provê às necessidades dos santos, mas também faz com que se multipliquem as ações de graças a Deus. Apreciando a validade desta ajuda, eles glorificarão a Deus por vossa obediência na profissão do evangelho de Cristo e pela generosidade da vossa partilha com eles e com todos. E por suas orações mostrarão a grande afeição que têm por vós, por causa

da graça transbordante que Deus vos concedeu. Graças sejam dadas a Deus por seu dom inefável.

Gl 5,13-15

Sim, irmãos, fostes chamados para a liberdade. Porém, não façais da liberdade um pretexto para servirdes à carne. Pelo contrário, fazei-vos servos uns dos outros, pelo amor. Pois toda a lei se resume neste único mandamento: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Mas se vos mordeis e vos devorais uns aos outros, cuidado para não serdes consumidos uns pelos outros!

... é meditada

O tema do *Dia Mundial dos Pobres* deste ano provém de uma advertência do Antigo Testamento: “Estende a tua mão ao pobre” (*Sir 7,32*). Essa exortação evoca a imagem de uma mão estendida que deseja ajudar a quem precisa do essencial para viver. Estender a mão em auxílio dos pobres é um aspecto fundamental da piedade na tradição judaico-cristã. E, todavia, curiosamente, São Paulo, o principal evangelizador do Novo Testamento, aparentemente não tem muito a dizer sobre os pobres. Mas será que é realmente assim? Desejamos, aqui, refletir um pouco mais sobre a atenção que Paulo dá ao tema dos pobres.

Começemos com um testemunho fundamental do próprio Paulo. Na Carta aos Gálatas (cf. 1,18-2,10), ao narrar o seu encontro com as “colunas” da Igreja – assim ele se refere a Cefas (Simão Pedro), a Tiago, o irmão do Senhor, e a João – e visando defender a sua chamada apostólica como “apóstolo dos gentios”, Paulo afirma que eles aprovaram a sua ação missionária com uma condição: “O que nos recomendaram foi somente que nos lembrássemos dos pobres. E isso procurei fazer sempre, com toda a solicitude” (*Gl 2,10*). Lembrar-se dos pobres! O Papa Francisco, quem repetidamente evidencia a necessidade de recordar e cuidar dos pobres, admite que “manter o olhar voltado para o pobre é difícil” (*Mensagem*, n. 3). Mas é justamente isso que os apóstolos pediram que Paulo fizesse. Paulo usa a palavra bíblica padrão para indicar os “pobres” (*ptōchoi*), a qual indica quem quer que esteja privado de recursos humanos básicos e deva confiar a sua sobrevivência aos outros. Na Bíblia, a pobreza nunca é um conceito abstrato. Ela se refere a indivíduos ou grupos que, literalmente, não têm o necessário para sobreviver. A declaração de Paulo exige, assim, uma clarificação ulterior.

O conselho referente aos “pobres” dado pelas “colunas” da Igreja a Paulo é, na verdade, uma indicação a respeito da *igreja mãe* de Jerusalém. Enquanto é possível que a etiqueta “pobres” tivesse sido usada como uma espécie de identidade espiritual por parte dos cristãos hebreus de Jerusalém, outra interpretação é a mais provável. Em comparação com as igrejas de Paulo na diáspora do mundo greco-romano, as quais eram majoritariamente urbanas e bastante ricas, os cristãos de Jerusalém eram realmente pobres. As igrejas de Paulo eram formadas por membros de um amplo espectro da sociedade, dos ricos aos pobres, por um bom número de artesãos, comerciantes e proprietários de terra que tinham certamente suficientes recursos dos quais viver.

No contexto dos gálatas, Paulo está indicando a igreja mãe de Jerusalém. Ele reconhece a disparidade entre as “suas” igrejas gentias, relativamente ricas, e a comunidade de Jerusalém. Assim, ele aceitou de bom grado o pedido dos apóstolos e fez da “coleta em favor dos santos” (*1Cor 16,1*) um dos pontos principais do seu ministério por aproximadamente vinte anos. Onde quer que Paulo ia na bacia do Mediterrâneo para evangelizar, ele convidava

os seus ouvintes a contribuir àquela coleta pelos pobres. Aos romanos, explica as suas razões e felicita as “suas” igrejas que contribuíram espontaneamente aos seus esforços pela arrecadação de fundos:

“De imediato, porém, tenho de ir a Jerusalém, em serviço aos santos. De fato, a Macedônia e a Acaia consideraram bom que se fizesse uma coleta para os santos de Jerusalém que estão na pobreza. Consideraram bom, sim, mas eles têm também uma certa dívida. Pois, se os pagãos participaram dos bens espirituais dos santos de Jerusalém, devem, por sua vez, servi-los com seus bens materiais” (Rm 15,25-27).

O vocabulário grego dessa passagem é fundamental. Paulo fala de “prestar um serviço” ou “servir” (*diakoneō*), de fazer comunhão (*koinōnia*) partilhando os recursos com os pobres (*ptōchoi*) que necessitam de coisas materiais (*sarkika*). Essas palavras demonstram que a mão estendida de Paulo era destinada a construir a grande comunidade de fé. Mas também os pobres têm algo para compartilhar. Paulo se congratula com a igreja de Jerusalém por ter dividido os seus “bens espirituais” com as igrejas dos gentios. Dessa maneira, ele demonstra que a sua coleta não é apenas um ato de caridade da parte das igrejas mais ricas, mas nasce de uma recíproca partilha dos bens recíprocos. A igreja mãe sempre serviu de inspiração para as comunidades de Paulo. Estas, por sua vez, restituíram aquilo que podiam para o bem-estar material daquela comunidade. O vocabulário dos versículos gira, portanto, em torno da natureza da comunidade (*koinōnia*, que pode também ser traduzido por “comunhão”) cristã. É uma comunidade de amor, na qual os recursos à disposição de cada um são generosamente compartilhados.

Numa outra passagem, Paulo explica a lógica da prática para ajudar os pobres encorajada por ele nas suas igrejas. Ela está baseada no exemplo de Deus. Deus é aquele que, no fim das contas, dá com a máxima generosidade. Quando estendemos as mãos aos pobres, seguimos o exemplo de Deus e isso leva à ação de graças. Paulo descreve esse processo com estas palavras:

“Deus é poderoso para vos cumular de toda sorte de graças, para que, em tudo, tenhais sempre o necessário e ainda tenhais de sobra para empregar em alguma boa obra, como está escrito: ‘Distribuiu generosamente, deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre’. Aquele que dá a semente ao semeador e lhe dará o pão como alimento, ele mesmo multiplicará as vossas sementes e aumentará os frutos da vossa justiça. Assim, tornando-vos ricos em tudo, podereis praticar toda espécie de liberalidade que, por nosso intermédio, resultará em ação de graças a Deus. Com efeito, esta ajuda comunitária não só provê às necessidades dos santos, mas também faz com que se multipliquem as ações de graças a Deus” (2Cor 9,8-12).

Outro aspecto da preocupação de Paulo pelos pobres é digno de nota. A coleta “para os santos” era tão importante que era queria entregá-la pessoalmente (cf. *1Cor 16,4; Rm 15,25-28*). Era seu desejo cumprir o gesto da entrega! Quando os cristãos refletem sobre as necessidades dos pobres em qualquer época, muitas vezes se referem àqueles textos da Escritura que falam franca e abertamente do cuidado com os pobres. Por conseguinte, buscamos os Salmos, os Evangelhos (especialmente Lucas, conhecido como o “Evangelho dos pobres”), os livros sapienciais. Raramente pensamos no apóstolo Paulo como fonte desse ensinamento, já que suas cartas não tratam muito do assunto. E, mesmo assim, o próprio Santo Padre trouxe a atenção para o ensinamento de Paulo vinculando, com razão, a generosidade

com os pobres à comunidade do amor. Na sua *Mensagem* para este *IV Dia Mundial dos Pobres*, o Papa Francisco escreve:

“[O tema deste ano] ‘Estende a mão ao pobre’ é, pois, um convite à responsabilidade, sob forma de empenho direto, de quem se sente parte do mesmo destino. É um encorajamento a assumir os pesos dos mais vulneráveis, como recorda São Paulo: ‘Pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros. É que toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: ama o teu próximo como a ti mesmo. (...) Carregai as cargas uns dos outros’ (Gl 5,13-14; 6,2)” (*Mensagem*, n. 8).

Essa passagem da Carta aos Gálatas é um dos poucos exemplos nos quais Paulo cita explicitamente o ensinamento de Jesus; chega, até mesmo, a defini-lo como “a lei de Cristo”. Carregar as cargas uns dos outros não é, para o verdadeiro cristão, uma ação facultativa. Trata-se de uma obrigação. É também um sinal do amor que cultivamos por aqueles que se encontram em necessidades especiais, que são os mais frágeis e vulneráveis. Na imagem da “mão que ajuda” estendida aos necessitados encontramos uma implementação concreta da mensagem de Jesus, reforçada por São Paulo, sobre carregar as cargas uns dos outros por amor. Conforme observa o Papa Francisco, “estender a mão é um sinal: um sinal que apela imediatamente à proximidade, à solidariedade, ao amor” (*Mensagem*, n. 6).

Todos os dias, na cidade onde vivo, vejo pessoas pobres pelas ruas ou no transporte metropolitano. São pessoas que vivem em situação de rua, vulneráveis. Muitas sofrem de transtornos mentais; algumas são vítimas de uma terrível sorte; outras, aparentemente, preferem viver às margens da sociedade e confiam na ajuda de mãos estendidas. Infelizmente, as nossas instituições governamentais parecem pouco equipadas para resolver esse problema, apesar das nossas melhores intenções. Precisamos admitir que o problema da pobreza no mundo não pode ser resolvido por soluções imediatas. O próprio Papa Francisco o reconhece: “a Igreja não tem soluções globais a propor, mas oferece, com a graça de Cristo, o seu testemunho e gestos de partilha” (*Mensagem*, n. 4). Nós, cristãos, somos, pelo menos, chamados a refletir sobre a Palavra de Deus, que exige de nós uma resposta concreta aos pobres.

Também na época de São Paulo, havia nas comunidades cristãs uma pobreza significativa que ele, de maneira alguma, poderia transcurar ou ignorar. Ao contrário do que já se pensou, Paulo não ignorava os pobres. Ele aproveitou a ocasião para ajudar a igreja mãe empobrecida de Jerusalém provavelmente por dois motivos. Em primeiro lugar, demonstrou ser grato pelo reconhecimento dos cabeças da Igreja, como Simão Pedro (Cefas) e Tiago, o irmão do Senhor, que lhe permitiram prosseguir com a sua missão evangelizadora em prol dos gentios. Paulo sabia que isso promovia a visão de uma comunidade unificada, nas quais as usuais distinções sociais entre gentios e hebreus, escravos ou livres, mulheres e homens – e eu acrescentaria, entre “ricos e pobres” – não mais era dominante (cf. Gl 3,28). Em segundo lugar, Paulo oferecia um sinal concreto – uma mão estendida, poderíamos dizer – indicando que as “suas” igrejas gentias estavam prontas para contribuir com alegria na construção da inteira comunidade, partilhando dos próprios recursos. Tal gesto não era mera caridade. Paulo considerava-o como sinal de participação na comunhão (*koinōnia*) com a inteira comunidade que, por sua vez, manifestava a atuação do mandamento de Jesus de amarmo-nos uns aos outros. Estender a mão aos pobres é uma contribuição essencial para a edificação da comunidade do amor à qual todos somos chamados.

... é rezada

Salmo 41 (40)

– *Feliz de quem pensa no pobre e no fraco: **
o Senhor o liberta no dia do mal!
= *O Senhor vai guardá-lo e salvar sua vida, †*
*o Senhor vai torná-lo feliz sobre a terra, **
e não vai entregá-lo à mercê do inimigo.

– *Deus irá ampará-lo em seu leito de dor, **
e lhe vai transformar a doença em vigor.
– *Eu digo: ‘Meu Deus, tende pena de mim, **
curai-me, Senhor, pois pequei contra vós!’

– *O meu inimigo me diz com maldade: **
‘Quando há de morrer e extinguir-se o seu nome?’
= *Se alguém me visita, é com dupla intenção: †*
*recolhe más notícias no seu coração, **
e, apenas saindo, ele corre a espalhá-las.

– *Vaticinam desgraças os meus inimigos, **
reunidos, sussurram o mal contra mim:
– *‘Uma peste incurável caiu sobre ele, **
e do leito em que jaz nunca mais se erguerá!’
– *Até mesmo o amigo em quem mais confiava, **
que comia o meu pão, me calcou sob os pés.

– *Vós ao menos, Senhor, tende pena de mim, **
levantai-me: que eu possa pagar-lhes o mal.
– *Eu, então, saberei que vós sois meu amigo, **
porque não triunfou sobre mim o inimigo.

– *Vós, porém, me haveis de guardar são e salvo **
e me pôr para sempre na vossa presença.
– *Bendito o Senhor, que é Deus de Israel, **
desde sempre, agora e sempre. Amém!

Abre os nossos olhos

Abre os nossos olhos, Senhor, para que possamos ver-Te nos nossos irmãos e irmãs.
Abre os nossos ouvidos, Senhor, para que possamos ouvir as súplicas
de quem tem fome, frio, medo e de quem é oprimido.
Abre o nosso coração, Senhor, para que aprendamos a amar-nos uns aos outros
como Tu nos amas. Dá-nos de novo o Teu Espírito, Senhor, para que nos unamos
num só coração e numa só alma, no Teu nome. Amém.

(Santa Teresa de Calcutá)

II Proposta

Lectio Divina

Estende a tua mão ao pobre, agora!

A Palavra de Deus ...

... é escutada

Sir 7, 27-30. 32-36

De todo o coração honra teu pai e não te esqueças dos gemidos de tua mãe. Lembra-te de que, se não fosse por eles, não terias nascido. Como lhes retribuirás o que fizeram por ti? Com toda a tua alma teme a Deus e respeita seus sacerdotes. Com todas as tuas forças ama aquele que te fez e não abandones os seus ministros. Estende a tua mão ao pobre, para que a tua propiciação e tua bênção sejam perfeitas. Tua generosidade atinja todos os viventes: mesmo aos mortos não recuses a tua piedade. Não deixes de consolar os que choram, aflige-te com os que estão aflitos. Não hesites em visitar os doentes: assim hás de ser confirmado na estima de todos. Em todas as tuas obras lembra-te do teu fim e jamais pecarás.

... é meditada

Antes de entrar nos versículos tirados do livro do Eclesiástico, acendamos a luz do Evangelho, que facilita a compreensão do texto do Antigo Testamento. No final do Evangelho de Mateus, Jesus fala do juízo universal (cf. *Mt 25,31-46*). A cena é muito simples, mas sugestiva: o pastor divide o seu rebanho e coloca as ovelhas à sua direita e os cabritos, à sua esquerda. O que chama a atenção é um certo ritmo no diálogo entre o Filho de Deus, que se esconde na figura do pastor e do rei, e os homens e mulheres reunidos para o juízo, representados pelas figuras animais. O rei, por quatro vezes e sempre na mesma ordem, repete as seis necessidades humanas fundamentais que devem ser satisfeitas: a fome, a sede, o ser forasteiro, a nudez, a doença e a prisão.

É evidente que satisfazer ou não as seis necessidades fundamentais torna-se um critério imprescindível para ser contado entre o grupo dos justos ou naquele dos injustos. Esse critério se encontra já no Antigo Testamento. Isaías indicava-o como critério do verdadeiro jejum e, conseqüentemente, da verdadeira e coerente religiosidade: “Acaso o jejum que eu prefiro não será isto: soltar as cadeias injustas; desamarrar as cordas do jugo; deixar livres os oprimidos, acabar com toda espécie de imposição? Não será repartir tua comida com quem tem fome? Hospedar na tua casa os pobres sem destino? Vestir uma roupa naquele que encontras nu e jamais tentar te esconder do pobre teu irmão?” (*Is 58,6-7*).

O profeta Ezequiel, ao afirmar a responsabilidade de cada um pelos seus próprios pecados, descreve uma série de comportamentos, uns para serem evitados e outros, praticados, a fim de que o fiel se torne justo e tenha a vida: “se não oprime ninguém, devolve o penhor de uma dívida, não pratica roubos, dá alimento ao faminto e cobre de vestes o nu; se não empresta com usura, não cobra juros, afasta sua mão da injustiça, julga imparcialmente dois homens em litígio; se vive conforme minhas leis e guarda meus preceitos, praticando-os fielmente, tal homem é justo e com certeza viverá – oráculo do Senhor Deus” (*Ez 18,7-9*). O nosso texto do Eclesiástico, portanto, está inserido justamente nessa série de escritos que solicitam determinados comportamentos para com os que sofrem devido à violação (ou à não

satisfação) de suas necessidades fundamentais: “Estende a tua mão ao pobre, para que a tua propiciação e tua bênção sejam perfeitas. Não deixes de consolar os que choram, aflige-te com os que estão aflitos. Não hesites em visitar os doentes: assim hás de ser confirmado na estima de todos. Em todas as tuas obras lembra-te do teu fim e jamais pecarás” (*Sir 7,32.35-36*). Também nesse caso, o comportamento que visa satisfazer as necessidades humanas fundamentais torna-se critério para poder receber a plenitude da bênção divina e para não cair no pecado.

Enquanto os textos do Antigo Testamento se concentram prevalentemente sobre a relação entre o comportamento para com o pobre e a bênção, o Evangelho traz uma mudança revolucionária: “Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!” (*Mt 25,40*). Deus não é mais o garante da relação entre um pobre e um rico que deseja receber a bênção e ser contado entre os justos. Deus se identifica com o pobre e se confia às mãos da humanidade. Chiara Lubich escreve: “A identificação de Cristo com o indigente é um dos aspectos mais altos e novos da mensagem evangélica. De fato, o Filho de Deus, encarnando-se, ‘de rico que era, tornou-se pobre’. E veio para servir, não para ser servido: curou os doentes, consolou os que sofriam, permaneceu com os marginalizados, certamente não por qualquer mérito moral ou espiritual que estes tinham, mas por amor” (*Palavra de vida*, novembro de 1984).

Dessa forma, podemos compreender plenamente o imperativo do Eclesiástico: “estende a tua mão ao pobre”. Não se trata apenas de um simples mandamento que garante a bênção e a vida eterna, mas, sim, de um gesto que permite tocar Jesus presente no pobre através de uma das seis vias de acesso: “Pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e fostes visitar-me” (*Mt 25,35-36*).

Aqui fica evidente, também, que, antes de estender a mão, é necessário possuir os olhos do amor. Eles permitem ver não apenas uma pessoa necessitada, mas também, e sobretudo, Jesus que espera por aquele nosso gesto. “Nas pessoas que estão enfermas ou que sofrem, precisamos perceber Jesus pregado na cruz, e não um parasita ou um membro infértil” (*Diário*, Santa Faustina Kowalska). O olhar atento de um fiel entrevê imediatamente, com amor, como alcançar, tocar e confortar Jesus pregado em uma pessoa necessitada.

Frequentemente, nos textos bíblicos, também as coisas que não estão expressas explicitamente se mostram importantes. No caso do nosso fragmento, percebemos que o Sirácida não menciona quando é que devemos estender a mão. O evangelista Marcos indica as palavras de Jesus a este respeito: “Os pobres, sempre os tendes convosco e podeis fazer-lhes o bem quando quiserdes” (*Mc 14,7*). Quando estender a mão ao pobre é algo, portanto, que depende da nossa vontade. Muitas vezes, todavia, essa frase do Evangelho é usada para justificar a nossa própria indolência em ajudar os necessitados. Afinal, nós os temos sempre entre nós...

Para termos credibilidade como cristãos, não podemos fugir dessa constante busca de Deus que mora nas pessoas pobres e que espera pelo nosso gesto de estender a mão. Não podemos desperdiçar nem mesmo um segundo. Precisamos nos apressar, pois a percepção de tempo varia segundo as circunstâncias nas quais cada um se encontra. Conhecemos muito bem esses momentos, nos quais a vida, de repente, paralisa, como quando recebemos uma ligação que nos traz notícias ruins e é como que a terra abrisse sob os nossos pés... Para os pobres, o tempo pode converter-se muito rapidamente em desespero se não verem uma mão que se estende: “Quão longa é a espera por um copo d’água vivida pelo doente que está com sede!” (Santo Agostinho, *Comentário ao Salmo 36*, sermão 1, 10). Estende a tua mão ao pobre, agora!

... *é rezada*

No dia da Sua festa, peçamos ao Senhor que nos tornemos mais caridosos no serviço a nossos irmãos e irmãs:

Nós Te agradecemos, Senhor,
pelas muitas graças e bênçãos
que puseste em minha vida.
Ofereço-Te a minha profunda gratidão
pelos inúmeros benefícios
que todos os dias me ofereces.
Senhor, ajuda-me a ter consciência
das exigências dos meus irmãos e irmãs,
para que eu possa responder
àqueles que são pobres e menos favorecidos
com expressões generosas de caridade,
gentileza e cuidado.
Quando, Senhor, finalmente,
eu estiver diante da Tua face,
deixa-me ouvir-Te dizer:
“Vem, ó servo bom e fiel,
para compartilhar da alegria do Pai,
pois quando me viste com fome,
com sede, nu, sem abrigo,
enfermo e encarcerado,
ofereceste, em Meu nome,
os teus dons na caridade e no amor”.

São Vicente de Paulo (pela sua compaixão, humildade e generosidade,
é conhecido como o “Grande Apóstolo da Caridade”)

* * *

Virgem Maria,
Rainha dos santos e modelo de santidade!
Tu, hoje, exultas com a imensa legião
dos que lavaram suas vestes
no “sangue do Cordeiro” (*Ap 7,17*).
Tu és a primeira dos salvos,
a totalmente santa, a Imaculada.
Ajuda-nos a vencer a nossa mediocridade.
Infunde em nosso coração
o desejo e o propósito de perfeição.
Suscita na Igreja,
para o bem dos homens e mulheres de nossos dias,
uma grande primavera de santidade.

(São João Paulo II)

Comentário a *Sir* 4,1-10 “Filho, não rejeites a súplica do aflito...”

O tema da pobreza encontra-se amplamente difundido no panorama dos livros sapienciais. Além do Sirácida (Eclesiástico), também nos Provérbios de Salomão e no Qoélet (Eclesiastes) são evidentes as numerosas referências que manifestam o empenho constante dos autores sagrados na reflexão que convida a cuidar dos necessitados, a proteger os indigentes e a acolher os órfãos. Trata-se do caminho da busca pela sabedoria, que desemboca numa prática real de santificação quotidiana e conflui num culto que celebra o Deus justo, amante da justiça. O gênero literário da instrução é adotado pelos autores sapienciais como expressão estilística eficaz para transmitir os ensinamentos úteis para fazer amadurecer, em cada leitor, a autêntica fidelidade à Palavra de Deus que guia e ilumina o caminho humano na árdua busca pela Sabedoria.

O contexto mais próximo da passagem é *Sir* 3,1–4,10, uma seção caracterizada pela presença constante do apelativo “filho”, o destinatário da instrução dada pelo sábio Ben Sirá. Existe ali uma concordância terminológica que se reflete na conclusão, através da evocação do léxico familiar do “pai” e da “mãe”, ligados semanticamente por uma inclusão do primeiro versículo, cuja abertura traz uma instrução destinada ao “filho” que precisa saciar-se nas fontes da Sabedoria divina.

O texto de *Sir* 4,1-10 é subdividido em duas estrofes: nos versículos 1-6, o autor descreve aquilo que deve ser evitado na relação com o pobre; os versículos sucessivos (7-10), por sua vez, centram o interesse nos deveres que são reconhecidos na prática da justiça social para com os pobres. Vejamos, em detalhes, a primeira subseção (v. 1-6).

Nos versículos 1 e 2, encontramos as primeiras orientações dadas metricamente através do paralelismo semântico, forma na qual o segundo elemento explicita, de maneira crescente, o significado da primeira proposição. O primeiro conselho, de forma negativa, estabelece a impossibilidade de privar o pobre daquilo que lhe é necessário para manter-se em vida. Trata-se de um convite à caridade que acomete a ordem material da pessoal, de uma sentença que evidencia a indignidade do pobre que está despojado do necessário para viver. A cultura hebraica coloca na escala das necessidades primárias o pão, a água e os vegetais, enquanto típica alimentação *kosher*, de acordo com as normas estabelecidas pela Torá. Como a Torá, também o alimento é dom da providência divina. Privar o pobre do seu alimento quotidiano é um delito grave que grita por vingança aos olhos de Deus. O significado de tal conselho sapiencial é reforçado pela segunda parte da expressão, que diz respeito ao sentido da vista. O olho de quem é puro não poderá tornar-se insensível ao olhar eloquente do necessitado que grita denunciando a pobreza injusta da qual é escravo. O olhar de quem sofre é uma oração eficaz que move o coração à compaixão. E quem vive na dificuldade não poderá ser exasperado ainda por mais fadigas.

Um eco dessa sentença é a parábola do homem rico que encontramos no Evangelho de Lucas (cf. *Lc* 16,19-31). O ponto de reviravolta da narrativa de Lucas é o encontrar-se do rico na região dos mortos. Entre os tormentos infernais, ele descobre a verdadeira causa da sua condenação eterna: não a riqueza, mas a incapacidade de ver aquele pobre chamado Lázaro que se encontrava todos os dias à sua porta, prostrado no pó junto dos cães, desejoso de matar a fome com as sobras que caíam por terra. “Na região dos mortos, no meio dos tormentos, o rico levantou os olhos e viu de longe Abraão, com Lázaro ao seu lado” (v. 23). O rico que encontra o olhar do pobre Lázaro vê, nos olhos deste, o motivo da sua condenação. Já era tarde demais para voltar atrás; a pena a ser paga é a visão perpétua daquele a quem se negou ver em vida, por um tempo limitado.

A necessidade material da fome se alarga até a indigência mais profunda de uma interioridade que diz respeito ao coração, centro da vida humana. O coração do pobre é afetado por uma esclerose sentimental que o induz a assumir uma visão pessimista da vida. Envergado sobre si mesmo, privado de um horizonte de abertura propícia aos dons da criação, o necessitado vive numa dinâmica de contínua busca pela atenção suficiente que lhe permita ser reconhecido para que ele se recorde de existir. O coração angustiado, a mão estendida, o olhar penetrante, a oração desesperada que sobe aos céus são imagens que o autor sagrado apresenta nos versículos 3-6 para esboçar os traços do típico necessitado que aparece em tantas páginas da Escritura e que refletem as carências escondidas em sua interioridade. A descrição da exterioridade se completa com aquela da interioridade: da necessidade primária do alimento, que se limita a um aspecto que qualifica somente em parte a existência humana, chega-se à *cardiognose*, o conhecimento do coração, lugar onde se mostra urgente o apelo do necessitado por ajuda, proteção, cuidado e desejo de existência. E se o coração humano não corresponde aos desejos e às expectativas de quem pede por socorro, a resposta surge, com certeza, no coração de Deus, que se deixa envolver visceralmente pelo grito de súplica de quem a Ele se dirige estando oprimido pela injustiça social que relega às margens e prostra no pó os que não têm forças para levantar-se. A escuta da prece do miserável e a intervenção voltada a restabelecer a justiça são características próprias do agir divino.

A segunda parte do texto (v. 7-10), precedida por uma recomendação que convida a obedecer a quem se encontra numa posição hierárquica superior nas comunidades sinagogais, é um encorajamento dirigido ao discípulo a fim de que aprenda a ser atento ao pobre. Nessa perspectiva, o sábio que exercita a compaixão para com os pobres, órfãos e viúvas vive no amor de Deus, superior àquele que uma mãe nutre pelo fruto do seu ventre. O sábio exprime um *modus vivendi* que recorda aquele divino. É uma típica atitude que nos torna participantes do amor de Deus, que é compassivo e rico em bondade.

O conselho sucessivo é uma retomada do que já foi exprimido nos versículos 3 e 4, porém, desta vez, com a técnica da inversão dos sujeitos. Não é mais o pobre quem deve levantar o olhar em busca dos olhos compassivos de quem cuidará dele, mas, ao contrário, são os olhos de quem se faz próximo a dever abaixar-se para encontrar o olhar do vulnerável que pede ajuda. A conversão do olhar é indicada pelo movimento que vai desde o alto ao baixo. Diante do olhar do necessitado, é como se fôssemos obrigados ao gesto da prostração, de cima a baixo, num movimento *kenótico* que imita o abaixamento de Cristo na dinâmica da encarnação. É o gesto que emula aquele de Jesus quando se inclina sobre a mulher adúltera, necessitada do perdão divino; é o abater-se dos tronos ao qual segue o elevar-se dos humildes no cântico do *Magnificat*; é o inclinar-se de Deus sobre as misérias da humanidade inteira.

Após o olhar, também o ouvido se abaixa para escutar as batidas de um coração oprimido, cansado, endurecido pelas penas e lidas de uma existência nos limites do humano. A aplicação da justiça social se traduz, assim, num exercício progressivo e constante daquilo que a Lei estigmatiza como deveres da pessoa reta que caminha sustentada pela luz da fé.

A conclusão da passagem (v. 10) estende o campo semântico dos termos familiares. O filho, depositário da instrução sapiencial, traduzindo na sua vida os conselhos divinos, torna-se pai para os órfãos (uma categoria que especifica uma característica significativa do ser indigente) e marido para as suas mães, isso para alcançar o ápice do caminho da sua vida: receber o dom da filiação divina. A prática da misericórdia busca pelo amparo de Deus, quem cobrirá o justo com um tal afeto capaz de superar sobremaneira o amor que uma mãe nutre pelos seus filhos.

Comentário teológico-pastoral a *Sir* 7,32-36

A tensão dirigida a alcançar a Sabedoria que vem do alto como chuva de bênção e de graça para irrigar o coração de cada criatura reflete-se com extraordinária clareza no texto de *Sir* 7,32-36. Precedidos por um angustiado convite ao temor do Senhor e à reverência reservada a seus ministros, os versículos que seguem descrevem a liturgia celebrada pelo fiel justo que põe no centro do seu culto a oferta, sem reservas, de si mesmo para socorrer o pobre necessitado e que consegue acudir a indigência do pobre com os gestos da misericórdia e do serviço. Parecem ecoar aqui os versículos do salmo 50 que descrevem a dinâmica do culto através das disposições do espírito contrito e do coração quebrantado e humilhado que agradam a Deus e por Ele não são desprezados (cf. *Sl* 50).

Nos versículos 32 e 33, o autor utiliza a técnica do quiasmo para relacionar os termos *pobre-morto* e *bênção-generosidade*. A mensagem aqui encoberta – e que poderia parecer um simples artifício retórico a gerar uma mera virtuosidade exegética – é, na verdade, muito sugestiva para uma reflexão acurada sobre o tema da pobreza, jamais estranho à sensibilidade do fiel. A condição do pobre evoca uma afinidade evidente com a morte: viver na pobreza significa ter que lidar quotidianamente com a morte. O fato de que o ser humano está sujeito à condição de miséria e precariedade ofusca a imagem de Deus gravada em seu rosto de criatura, não permitindo que emergja a sacralidade alcançada pelo culto que cada pessoa oferece ao seu semelhante e que é indispensável para celebrar a liturgia agradável ao Senhor. Por conseguinte, o dom da bênção divina é fruto da generosidade que cada indivíduo pratica para com o pobre.

Quão atuais são os mandamentos divinos que o Sirácida entrega aos homens e mulheres de fé, aos que exercem um ministério particular na Igreja, aos que se dedicam ao serviço dos necessitados, a quem deseja dar sentido à vida, à humanidade de cada tempo! Uma vida bendita é construída com base em atos de generosidade incondicionada: atenuar os sofrimentos, sustentar os mais fracos, dar dignidade a quem a perdeu, socorrer quem está na indigência, encorajar quem se esqueceu da esperança são os “sacramentos” que toda a pessoa é chamada a celebrar para tornar o mundo uma casa mais acolhedora, onde ninguém se sinta excluído e indesejado. A possibilidade de se dedicar aos pobres jamais poderá ser condicionada pelo tempo, pelos interesses pessoais, pelos projetos desancorados da vontade divina, por uma pastoral excêntrica que arrisca colocar no centro o eu impotente do ser humano e deixa a onipotência de Deus às margens. *Estender a mão ao pobre* será um gesto de solidariedade real quando houver a coragem de valorizar a experiência da pobreza individual. Só o pobre sabe ver com compaixão quem é pobre. Aprender a considerar-se indigente significa reconhecer a ação salvífica que Deus opera em nossa vida. Pobres como os israelitas na fuga dos egípcios, salvos pelo braço estendido de Moisés sobre as águas do mar; pobres como o povo de Israel em batalha, sustentados pelos braços de Moisés elevados aos céus; pobres como aquele homem que, estendendo a mão a Jesus, recebeu a cura.

Estender a mão ao pobre é, também, o gesto que sigila a celebração da festa do perdão de quem se aproxima do Sacramento da Reconciliação. A vida de fé cresce na partilha das pobreza, realiza-se no acompanhamento dos mais fracos, no sustento dos vacilantes, em carregar o peso dos outros. O Sirácida explicita tais imagens que sugerem a vitalidade de uma comunidade inclusiva negando três ações e afirmando outras três, como se lê nos v. 34-36. A primeira leva em consideração os que se encontram no pranto: “Não deixes de consolar os que choram” (cf. *Sir* 7,34). O período de isolamento forçado que a pandemia nos obrigou a viver amplificou o distanciamento e nos privou até mesmo da possibilidade de poder consolar os que choraram a morte dos próprios entes queridos. Aprender a difícil arte de *con-sofrer* é

uma tarefa da qual ninguém pode eximir-se: “aflige-te com os que estão aflitos” (cf. *Sir* 7,34). Uma obra de misericórdia corporal é visitar os enfermos: “Não hesites em visitar os doentes” (cf. *Sir* 7,35). A referência aos enfermos, que o Sirácida menciona como culto agradável a Deus, alcança o seu ápice na famosa passagem evangélica do capítulo 25 de Mateus. O próprio Jesus chega a identificar-se com a sugestiva imagem do doente que se deixa visitar: “Estive doente, e cuidastes de mim” (cf. *Mt* 25,36). Livre das tentações sedutoras da autossuficiência e do orgulho marginalizante, o ser humano toma consciência da íntima fragilidade de criatura que o leva a identificar-se com aqueles enfermos que invocam o auxílio do médico celeste, numa comunhão de miséria humana exercitada na solidariedade com os semelhantes (cf. *Lc* 5,32).

Reconhecer-se enfermo pode ser o início de um caminho de cura que se concretiza na urgência de amar e no desejo de deixar-se amar. A conclusão da passagem oferece uma pérola da sabedoria bíblica que pode se aplicar a cada indivíduo: “Em todas as tuas obras lembra-te do teu fim”. O texto grego permite uma dúplici tradução do termo “fim”. Este pode ser entendido como sinônimo de morte. Lembrar-se da morte liberta o ser humano das tentações que se ocultam no fundo do coração e que, como acontece com o joio, lançam raízes profundas difíceis de serem extirpadas. As derivações antropológicas mais comuns são a possibilidade de prescindir de Deus, o risco de considerar-se autossuficiente, de poder subjugar o outro com leviandade, de abusar da fraqueza alheia, de usufruir da vida até as “últimas” consequências, excluindo até mesmo a certeza da morte. A segunda interpretação do termo “fim” tem um êxito positivo: “Em todas as tuas obras lembra-te do teu fim”. É possível compreender aí a existência de uma indicação clara e definitiva para a vida de cada ser humano. A estrada a seguir é a relação com o próximo e o fim é amá-lo para poder declarar amor sincero a Deus. Toda a vida assume uma cadência agápica. A via preferencial para alcançar a plenitude da vida é o amor pelo pobre ao qual se estende a mão.

Por uma igreja que partilha da pobreza

Quem são os pobres? A resposta do Sirácida é explícita: são aqueles que não têm o necessário para viver e não possuem nem mesmo o essencial. O cuidado dos mais carentes é amplamente tratado nas páginas da Bíblia. A eles são reconhecidos os direitos de serem protegidos da arbitrariedade dos poderosos, de serem tutelados contra a opressão dos malvados, de receberem uma retribuição em favor de suas necessidades primárias, sem transcurar a instauração de uma relação que os permita ter uma vida digna no respeito de sua condição humana. A deferência às regras éticas e a atenção a se cultivar diante dos sujeitos mais vulneráveis gera uma sociedade mais justa e solidária, mais humana e unida na comunhão. Do Sirácida aos nossos dias, essas instruções têm em si um valor perene e aplicam-se favoravelmente num tempo como um nosso, tão agressivo com os pobres.

Uma reflexão teológico-pastoral madura deve ter no centro a questão da pobreza. A Igreja, que vive num contexto histórico de consumismo exasperante, depara-se com o grande risco de uma crescente cultura individualista, que cultiva os valores negativos da marginalização social. O isolamento egoísta não dá espaço suficiente para promover a busca de uma proximidade capaz de valorizar e dar sustento a quem se encontra numa condição de indigência e de precariedade absoluta. O individualismo cria um empobrecimento gradual da própria interioridade e o conseqüente esclerosamento do coração, o que gera cristãos que se esquecem dos pobres e se privam voluntariamente de uma relação positiva com o Deus que ama a justiça. Uma pastoral para os pobres suscita na Igreja um renovado interesse em reativar uma dinâmica missionária que leve a mensagem evangélica até todos, sem exceções e diferenças sociais, reconhecendo os necessitados como os privilegiados do Evangelho. É

urgente voltar a fazer ressoar no coração dos fieis o discurso que Jesus fez na sinagoga de Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para anunciar o Evangelho aos pobres” (Lc 4,18a).

A um primeiro aspecto que coloca em evidência a atenção que a Igreja deve dirigir aos pobres, une-se um segundo de não menor importância: o Evangelho aos pobres é também o Evangelho dos pobres, pelo qual os destinatários privilegiados tornam-se também os sujeitos que atuam diretamente na evangelização. A nova evangelização é chamada a percorrer os passos existenciais da caridade e da humildade num perene seguimento a Cristo pobre. Não se trata de um seguimento qualquer, mas de um processo de real conversão sustentado pela fidelidade ao Evangelho. Seguir Jesus significa viver no espírito das bem-aventuranças e isso não diz respeito apenas a um grupo restrito de fieis, mas ao inteiro povo de Deus. É preciso promover uma cultura da partilha para que a Igreja não só aja em favor dos pobres, mas viva com os pobres. Os valores dos pobres permanecem, com efeito, a forma mais nobre de anunciar o Evangelho: são testemunhos da riqueza do Reino de Deus.

Compartilhar da pobreza não invalida, todavia, o empenho em lutar contra todas as formas de miséria e discriminação, que são frutos de decisões egoístas. Uma pastoral *com e para* os pobres está intrinsecamente unida à promoção da paz para derrotar a sede de opressão em todas as suas expressões. E tal pastoral acontece através de uma construção efetiva da parte dos cristãos, que se redescobrem na sua individualidade como construtores de um mundo mais justo e livre da discórdia social.

A Igreja recebe do seu Mestre uma orientação precisa: deve viver não para si mesma, mas para a salvação do mundo, sobretudo, para quem se sente excluído, marginalizado e privado da beleza que deveria resplandecer no próprio rosto, enquanto imagem de Deus. É tempo de crer, com coragem, na construção de uma pastoral da proximidade, favorecendo centros de acolhida para os que vivem pelas ruas, bem como lugares onde possam comer e centros de escuta, em continuidade com o exemplo de Cristo, que vivia e oferecia a sua vida pelos pobres e sofredores. A salvação do mundo, hoje mais que nunca, realiza-se no empenho pelos necessitados e pelos pobres. Tudo isso comporta uma série de escolhas coerentes e consequentes a partir da opção preferencial por um estilo de vida que visa o essencial. É preciso aprender a ser irmão uns dos outros, a doar-se àqueles mais carentes que cada pessoa pode encontrar próximo de si se tiver a coragem suficiente para fazê-lo. Não existe um plano pastoral mais eficaz do que a concretização do amor e a atualização do mandamento que marca a perene novidade do Evangelho e de todo anúncio salvífico: amar a Deus e ao próximo. O modelo a ser seguido é o Cristo crucificado, do qual aprendemos a viver conforme a sua íntima natureza messiânica e profética que nos conduz sempre ao anúncio do Evangelho como Boa-Nova aos pobres.

Vigília de Oração

“*Estende a tua mão ao pobre*” (Sir 7,32)

Introdução

Estender a mão é um sinal: um sinal que apela imediatamente à proximidade, à solidariedade, ao amor, conforme escreve o Papa Francisco na *Mensagem* para este Dia Mundial dos Pobres. A vigília aqui proposta deseja orar, operar e traduzir em realidade o sinal da mão estendida.

No primeiro *momento*, a passagem do livro do Eclesiástico da qual foi tirado o tema deste *Dia* solicita as nossas ações concretas para com os necessitados. A mão estendida é um gesto muito eloquente que exprime as diversas dinâmicas que uma pessoa ou uma comunidade pode realizar em favor dos pobres.

O segundo *momento* recorda que as nossas ações para com os pobres começam com a mão estendida do Senhor, quem primeiramente estende-nos a Sua mão.

No fim, seria oportuno resumir brevemente o duplo sentido da mão estendida, de Deus à humanidade e de cada um ao próximo.

Recorda-se que os textos seleccionados neste subsídio são apenas propostas. Para adaptar a vigília às exigências particulares de uma comunidade específica (paróquia, capelania hospitalar, mosteiro, etc.), podem-se seleccionar cantos para cada *momento*; para aprofundar os temas recorrentes nos textos bíblicos escolhidos, pode-se preparar uma outra meditação ou alguns testemunhos, segundo as exigências e as possibilidades da comunidade que celebra a vigília. Antes da bênção final, sugere-se inserir uma oração de intercessão, a ser pronunciada pelo sacerdote ou pelos fieis, dedicada às mais variadas circunstâncias nas quais vivem os pobres.

A escolha das passagens bíblicas também pode ser modificada, segundo o critério de quem organiza a vigília, para evidenciar outras dimensões da mão estendida. Por exemplo: *Sl* 89 (o Senhor acompanha o seu povo com a Sua mão forte); passagens evangélicas que narram curas feitas com a mão (*Mc* 1,40-41; *Mc* 5,21-43; *Mc* 1,31; *Mt* 8,15; *Mc* 7,33, *Mc* 8,23-25); Pedro cura o coxo de nascença tomando-o pela mão (*At* 3,1-10).

A vigília pode ser realizada na presença do Santíssimo Sacramento exposto.

O sacerdote expõe o Santíssimo Sacramento conforme o costume.
Em seguida, pode-se entoar um canto e fazer uma breve introdução.

Primeiro momento – O ser humano estende a mão

Do livro do Eclesiástico

Sir 7, 27-30. 32-36

De todo o coração honra teu pai e não te esqueças dos gemidos de tua mãe. Lembra-te de que, se não fosse por eles, não terias nascido. Como lhes retribuirás o que fizeram por ti? Com toda a tua alma teme a Deus e respeita seus sacerdotes. Com todas as tuas forças ama aquele que te fez e não abandones os seus ministros. Estende a tua mão ao pobre, para que a tua propiciação e tua bênção sejam perfeitas. Tua generosidade atinja todos os viventes: mesmo aos mortos não recuses a tua piedade. Não deixes de consolar os que choram, aflige-te com os que estão aflitos. Não hesites em visitar os doentes: assim hás de ser confirmado na estima de todos. Em todas as tuas obras lembra-te do teu fim e jamais pecarás.

Meditação e/ou testemunho.

Pode-se também preparar uma apresentação (um cartaz com fotos e/ou um vídeo) para ilustrar diversas mãos estendidas – material e espiritualmente – aos pobres, enquanto se leem algumas passagens da Mensagem do Papa Francisco para o Dia dos Pobres como, por exemplo:

“Estender a mão leva a descobrir, antes de tudo a quem o faz, que dentro de nós existe a capacidade de realizar gestos que dão sentido à vida. Quantas mãos estendidas se veem todos os dias! Infelizmente, sucede sempre com maior frequência que a pressa faz cair num turbilhão de indiferença, a tal ponto que se deixa de reconhecer todo o bem que se realiza diariamente no silêncio e com grande generosidade”.

“Estender a mão é um sinal: um sinal que apela imediatamente à proximidade, à solidariedade, ao amor. Nestes meses, em que o mundo inteiro foi dominado por um vírus que trouxe dor e morte, desconforto e perplexidade, pudemos ver tantas mãos estendidas! A mão estendida do médico que se preocupa de cada paciente, procurando encontrar o remédio certo. A mão estendida da enfermeira e do enfermeiro que permanece, muito para além dos seus horários de trabalho, a cuidar dos doentes. A mão estendida de quem trabalha na administração e providencia os meios para salvar o maior número possível de vidas. A mão estendida do farmacêutico exposto a inúmeros pedidos num arriscado contato com as pessoas. A mão estendida do sacerdote que, com o coração partido, continua a abençoar. A mão estendida do voluntário que socorre quem mora na rua e a quantos, embora possuindo um teto, não têm nada para comer. A mão estendida de homens e mulheres que trabalham para prestar serviços essenciais e segurança. E poderíamos enumerar ainda outras mãos estendidas, até compor uma ladainha de obras de bem. Todas estas mãos desafiaram o contágio e o medo, a fim de dar apoio e consolação”.

“*Estende a mão ao pobre* faz ressaltar, por contraste, a atitude de quantos conservam as mãos nos bolsos e não se deixam comover pela pobreza, da qual frequentemente são cúmplices também eles. A indiferença e o cinismo são o seu alimento diário. Que diferença relativamente às mãos generosas que acima descrevemos! Com efeito, existem mãos estendidas para premer rapidamente o teclado dum computador e deslocar somas de dinheiro duma parte do mundo para outra, decretando a riqueza de restritas oligarquias e a miséria de multidões ou a falência de nações inteiras. Há mãos estendidas a acumular dinheiro com a venda de armas que outras mãos, incluindo mãos de crianças, utilizarão para semear morte e pobreza. Existem mãos estendidas que, na sombra, trocam doses de morte para se enriquecer e viver no luxo e num efêmero desregramento. Existem mãos estendidas que às escondidas trocam favores ilegais

para um lucro fácil e corruto. E há também mãos estendidas que, numa hipócrita respeitabilidade, estabelecem leis que eles mesmos não observam”.

Canto

Oração em silêncio

Em seguida, pode-se recitar:

É Natal cada vez que sorris a um teu irmão e lhe estendes a mão.

É Natal cada vez que ficas em silêncio para escutar o outro.

É Natal cada vez que não aceitas os princípios
que relegam os oprimidos às margens da sociedade.

É Natal cada vez que esperas com aqueles que se desesperam na pobreza física e espiritual.

É Natal cada vez que reconheces, com humildade, os teus limites e a tua fraqueza.

É Natal cada vez que permites que o Senhor renasça, para doá-lo aos outros.

(Santa Teresa de Calcutá)

Segundo momento – Deus estende a mão

Do Evangelho segundo Mateus

Mt 14, 22-33

[Depois que a multidão terminou de comer], logo em seguida, Jesus mandou que os discípulos entrassem no barco e fossem adiante dele para o outro lado do mar, enquanto ele despediria a multidão. Depois de despedi-la, subiu à montanha, a sós, para orar. Anoteceu, e Jesus continuava lá, sozinho. O barco, entretanto, já longe da terra, era atormentado pelas ondas, pois o vento era contrário. Nas últimas horas da noite, Jesus veio até os discípulos, andando sobre o mar. Quando os discípulos o viram andando sobre o mar, ficaram apavorados e disseram: “É um fantasma”. E gritaram de medo. Mas Jesus logo lhes falou: “Coragem! Sou eu. Não tendes medo!”

Então Pedro lhe disse: “Senhor, se és tu, manda-me ir ao teu encontro, caminhando sobre a água.” Ele respondeu: “Vem!” Pedro desceu do barco e começou a andar sobre a água, em direção a Jesus. Mas, sentindo o vento, ficou com medo e, começando a afundar, gritou: “Senhor, salva-me!” Jesus logo estendeu a mão, segurou-o e lhe disse: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?” Assim que subiram no barco, o vento cessou. Os que estavam no barco ajoelharam-se diante dele, dizendo: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus!”

Meditação e/ou testemunho.

Propõe-se o seguinte texto, pronunciado pelo Papa Francisco durante a oração do *Angelus* no dia 10 de agosto de 2014:

“Esta narração é um bonito ícone da fé do apóstolo Pedro. Na voz de Jesus que lhe diz: «Vem!», ele reconhece o eco do primeiro encontro na margem daquele mesmo lago e imediatamente, mais uma vez, deixa o barco e começa a caminhar ao encontro do Mestre. Ele caminha sobre as águas! A resposta confiante e imediata à invocação do Senhor faz-nos realizar sempre coisas extraordinárias. Mas o próprio Jesus nos disse que somos capazes de fazer milagres mediante a nossa fé, a nossa fé nele, a fé na sua palavra, a fé na sua voz. Ao contrário, Pedro começa a afundar no momento em que desvia o seu olhar de Jesus, deixando-se abalar pelas adversidades que o circundam. Mas o Senhor está sempre presente, e quando

Pedro o invoca, Jesus salva-o do perigo. Na figura de Pedro, com os seus impulsos e as suas debilidades, está descrita a nossa própria fé: sempre frágil e pobre, inquieta e contudo vitoriosa, a fé do cristão caminha ao encontro do Senhor ressuscitado, no meio das tempestades e dos perigos do mundo”.

“Eis uma imagem eficaz da Igreja: um barco que deve enfrentar as tempestades e às vezes parece que está prestes a sucumbir. Aquilo que a salva não são as qualidades nem a coragem dos seus homens, mas a fé, que permite caminhar até no meio da escuridão, entre as dificuldades. A fé confere-nos a segurança da presença de Jesus sempre ao nosso lado, da sua mão que nos segura para nos proteger do perigo. Todos nós estamos neste barco, e aqui sentimo-nos seguros, não obstante os nossos limites e as nossas debilidades. Estamos seguros sobretudo quando sabemos ajoelhar-nos e adorar Jesus, o único Senhor da nossa vida. Para isto nos convida sempre a nossa Mãe, Nossa Senhora. Dirijamo-nos a Ela com confiança”.

Canto

Oração em silêncio

Em seguida, pode-se recitar:

Estende-nos a mão, Senhor, e segura-nos.
Ajuda-nos a amar como Tu amas.
Ensina-nos a deixar o que passa
a encorajar quem vive ao nosso lado,
a doar gratuitamente a quem necessita. Amém.

(Papa Francisco)

Breve exortação conclusiva que resume a vigília e exorta à oração ao Senhor.

Segue a Súplica a Nossa Senhora dos Pobres de Banneux:

Virgem dos Pobres,
que avanças na noite do mundo para chamar todas as gentes
e conduzi-las a Cristo, fonte de graça e de salvação:
olha para a humanidade inteira que tateia
na escuridão da indiferença religiosa,
da superstição e das falsidades ideológicas e morais;
e convida a todos a perseverar na estrada da verdade,
da justiça e da caridade.

Virgem dos Pobres,
que mostras a tua solicitude materna a uma joventinha
e esperas, luminosa, no jardim da sua casa, convidando-a para sair:
entra em nossas casas, vem morar em todas as nossas famílias,
para que possamos responder generosamente ao teu convite
e, deixando os nossos hábitos de comodismo
e toda forma de egoísmo,
saibamos consumir-nos pelo anúncio da fé
e pelas necessidades dos irmãos e irmãs.

Virgem dos Pobres,
que indicas a fonte reservando-a para os enfermos,
mostra-te solícita para com os que padecem:
vem aliviar os nossos sofrimentos,
ameniza as penas dos que passam pela provação da dor,
obtém todas as graças necessárias
para levarmos a cruz quotidiana com suavidade
e roga, ó Consoladora dos aflitos,
por todos os necessitados.

Virgem dos Pobres,
que desejava a construção de uma pequena capela
no lugar das aparições:
ensina-nos a ser pedras vivas da Igreja;
abençoa o Papa, os bispos, os sacerdotes,
os diáconos e todo o povo cristão.
Tu, que és a Mãe da Igreja,
faz com as nossas comunidades cristãs
sejam dóceis à ação do Espírito Santo,
submetidas à Palavra de Deus,
fieis ao Magistério, dedicadas ao serviço,
livres de todo mero interesse individual,
perseverantes na oração e na comunhão fraterna.

Virgem dos Pobres,
ó Bendita entre todas as mulheres,
queremos ser abençoados por ti
hoje e em todos os dias da nossa vida:
estende a tua mão sobre nós,
sobre todos os teus devotos e sobre o mundo inteiro.
Nós te imploramos: jamais permitas
que nos falte a tua solícitude materna,
ó Mãe do Salvador, Mãe de Deus.
Nós te damos graças!

O sacerdote conclui a vigília com a bênção do Santíssimo Sacramento conforme o costume.

ORAÇÃO DO PAI-NOSSO

Presidente:

Irmãos e irmãs, após termos escutado as palavras do Senhor e da Igreja, conscientes da necessidade de dever estender sempre as nossas mãos aos pobres para alcançarmos a alegria da acolhida recíproca, invoquemos a Deus Pai com as palavras que o Senhor Jesus nos ensinou:

Todos:

*Pai nosso, que estais nos céus,
santificado seja o Vosso nome;
venha a nós o Vosso reino;
seja feita a Vossa vontade
assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação;
mas livrai-nos do mal.
Amém.*

Oração

Presidente:

Oremos.

Ó Deus, socorro dos miseráveis e consolo dos pobres,
que, segundo o exemplo do Vosso Filho Jesus Cristo,
nos chamais a amar os irmãos e irmãs,
a escutar o seu grito,
a ser sinal da vossa esperança, que mais se frustrará,
enchei-nos da vossa caridade misericordiosa,
para que possamos responder generosamente às necessidades
daqueles que batem às portas do nosso coração.
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho,
que é Deus e convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo,
por todos os séculos dos séculos.

R/. Amém.

Bênção

O sacerdote, estendendo as mãos sobre a assembleia, diz:

Ó Deus, nosso Pai, a Vossa Misericórdia é infinita:
sustentai estes Vossos filhos e filhas, para que, guiados por Vossa Palavra,
jamais desviem da estrada do Amor
que passa através dos corações dos irmãos e irmãs
afligidos pela necessidade e pelo sofrimento;
o Vosso Espírito dê-lhes força, coragem e persistência
para ajudar a reerguer aqueles que se encontram caídos pelo caminho da vida.
Por Cristo, nosso Senhor.

A assembleia responde: Amém.

E que a bênção de Deus, todo-poderoso,
Pai e Filho ✠ e Espírito Santo,
desça sobre vós e sempre vos acompanhe.

A assembleia responde: Amém.

Saudação final:

P. Bendigamos ao Senhor.

R. Demos graças a Deus.

É possível prosseguir, também, com a

EXPOSIÇÃO DA SANTÍSSIMA EUCARISTIA E ADORAÇÃO

Enquanto se expõe o Santíssimo Sacramento, canta-se:

ADORO TE DEVOTE

O coro:

1. Adoro te devote, latens Deitas,
quae sub his figuris vere latitas:
tibi se cor meum totum subiicit,
quia te contemplans totum deficit.

A assembleia:

2. Visus, tactus, gustus in te fallitur,
sed auditu solo tuto creditur:
credo quidquid dixit Dei Filius:
nil hoc verbo Veritatis verius.

O coro:

3. In cruce latebat sola Deitas,
at hic latet simul et humanitas:
ambo tamen credens atque confitens,
peto quod petivit latro poenitens.

A assembleia:

4. Plagas, sicut Thomas, non intueor:
Deum tamen meum te confiteor;
fac me tibi semper magis credere,
in te spem habere, te diligere.

O coro:

5. O memoriale mortis Domini!

Panis vivus vitam praestans homini!
Praesta meae menti de te vivere,
et te illi semper dulce sapere.

A assembleia:

6. Pie pellicane, Iesu Domine!
Me immundum munda tuo Sanguine:
cuius una stilla salvum facere
totum mundum quit ab omni scelere.

O coro:

7. Iesu, quem velatum nunc aspicio,
oro fiat illud quod tam sitio:
ut te revelata cernens facie,
visu sim beatus tuae gloriae.

O coro e a assembleia:

Amém.

Silêncio para adoração e oração pessoal.

Ladainha

Leitor: Senhor, o Amor é paciente:
Todos: dai-nos a paciência capaz de enfrentar um dia após o outro.

Leitor: Senhor, o Amor é benfazejo:
Todos: ajudai-nos a querer sempre o bem do outro antes do meu próprio.

Leitor: Senhor, o Amor não é invejoso:
Todos: ensinai-nos a encontrar alegria em nossas vidas.

Leitor: Senhor, o Amor não conta vantagem:
Todos: fazei-nos atentos a não nos vangloriarmos por aquilo que fazemos pelos outros.

Leitor: Senhor, o Amor não é arrogante:
Todos: concedei-nos a coragem de dizer: “Eu erre!”.

Leitor: Senhor, o Amor não é presunçoso:
Todos: fazei-nos ver no rosto dos irmãos e irmãs o Vosso rosto.

Leitor: Senhor, o Amor não é interesseiro:
Todos: fazei soprar na nossa vida o vento da gratuidade.

Leitor: Senhor, o Amor não se encoleriza:

Todos: afastai de nossas ações e de nossos lábios os gestos e as palavras capaz de ferir.

Leitor: Senhor, o Amor não leva em conta o mal sofrido:

Todos: reconciliai-nos no perdão que se esquece das ofensas.

Leitor: Senhor, o Amor não se alegra com a injustiça:

Todos: abri o nosso coração para as necessidades de quem está perto de nós.

Leitor: Senhor, o Amor se regozija com a verdade:

Todos: guiai os nossos passos até Vós, que sois Caminho, Verdade e Vida.

Leitor: Senhor, o Amor tudo suporta:

Todos: ajudai-nos a suportar com Amor os dias que passaremos juntos.

Leitor: Senhor, o Amor tudo crê:

Todos: ajudai-nos a crer que o Amor move montanhas.

Leitor: Senhor, o Amor tudo espera:

Todos: ajudai-nos a esperar no Amor mais do que toda esperança.

TU ÉS, SENHOR, O PÃO (J.-P. Lécot)
ou outro canto apropriado

O coro:

1. Tu és, Senhor, o Pão
Entregue por amor de nós!.
Ressuscitado, Vencedor,
escuta a nossa voz!

A assembleia:

2. Na noite em que ele foi traído,
repartiu o pão:
“Tomai, comei, isto é meu Corpo,
Entregue em vossas mãos!”

O coro:

3. Na Ceia derradeira,
com o vinho em suas mãos:
“Tomai, bebei”, disse, “é meu Sangue,
não fluiu em vão!”

A assembleia:

4. Quem come o pão dos fortes,
por Sua Força viverá;
Quem bebe o vinho novo,
a morte enfim derrotará.

O coro:

5. É Cristo, o Pão celeste,
repartido pelos seus:
por Ele alimentados,
somos um só Corpo em Deus!

A assembleia:

6. À Cruz de Cristo, unida,
a Igreja co' Ele reinará!
A morte em Cristo é vida,
n'Ele o Amor renascerá.

*Após o canto proposto ou outro canto eucarístico,
segue um instante de silêncio para a oração pessoal.*

BÊNÇÃO EUCARÍSTICA

TANTUM ERGO

O coro:

1. Tantum ergo sacramentum
veneremur cernui,
et antiquum documentum
novo cedat ritui;
praestet fides supplementum
sensum defectui.

1. *Tão sublime Sacramento
adoremos neste altar,
pois o Antigo Testamento
deu ao Novo o seu lugar.
Venha a fé por suplemento
os sentidos completar.*

A assembleia:

2. Genitori Genitoque
Laus et iubilatio,
salus, honor, virtus quoque
sit et benedictio;
procedenti ab utroque
compar sit laudatio.

2. *Ao eterno Pai cantemos
e a Jesus, o Salvador.
Ao Espírito exaltemos:
na Trindade, eterno amor.
Ao Deus uno e trino demos
a alegria do louvor.*

O coro e a assembleia:

Amém.

Oração

O presidente:

Oremus.

Deus, qui nobis sub sacramento mirabili
passionis tuae memoriam reliquisti,
tribue, quaesumus,
ita nos Corporis et Sanguinis tui
sacra mysteria venerari,
ut redemptionis tuae fructum
in nobis iugiter sentiamus.
Qui vivis et regnas in saecula saeculorum.

R/. Amen.

Oremos.

*Senhor Jesus Cristo, que neste admirável
Sacramento nos deixastes o memorial
da vossa Paixão, dai-nos venerar com tão
grande amor o mistério do vosso Corpo
e do vosso Sangue, que possamos colher
continuamente os frutos da vossa Redenção.
Vós que viveis e reinais com o Pai,
na unidade do Espírito Santo.*

Amém.

O sacerdote ou o diácono dá a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Aclamações

O coro ou um leitor entoa e a assembleia repete:

1. Benedictus Deus.
2. Benedictum Nomen Sanctum eius.
3. Benedictus Iesus Christus, verus Deus et verus homo.
4. Benedictum Nomen Iesu.
5. Benedictum Cor eius sacratissimum.
6. Benedictus Sanguis eius pretiosissimus.
7. Benedictus Iesus in sanctissimo altaris Sacramento.
8. Benedictus Sanctus Spiritus, Paraclitus.
9. Benedicta excelsa Mater Dei, Maria sanctissima.
10. Benedicta sancta eius et immaculata Conceptio.
11. Benedicta eius gloriosa Assumptio.
12. Benedictum nomen Mariae, Virginis et Matris.
13. Benedictus sanctus Ioseph, eius castissimum Sponsus.
14. Benedictus Deus in Angelis suis, et in Sanctis suis.

Amen.

1. Bendito seja Deus.
2. Bendito seja o seu Santo Nome.
3. Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
4. Bendito seja o nome de Jesus.
5. Bendito seja o seu Sacratíssimo Coração.

6. Bendito seja o seu preciosíssimo sangue.
7. Bendito seja Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento do altar.
8. Bendito seja o Espírito Santo Paráclito.
9. Bendita seja a grande Mãe de Deus Maria Santíssima.
10. Bendita seja a sua Santa Imaculada Conceição.
11. Bendita seja a sua gloriosa Assunção.
12. Bendita seja o nome de Maria Virgem e Mãe.
13. Bendito seja São José, seu castíssimo esposo.
14. Bendito seja Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.

Amém.

Enquanto o Santíssimo Sacramento é repostado no tabernáculo, entoar-se o canto:

Canto de reposição

Salmo 116

O coro:

1. Laudate Dominum, omnes gentes;
laudate eum, omnes populi.

1. *Cantai louvores ao Senhor, todas as gentes,
povos todos, festejai-o!*

A assembleia:

2. Quoniam confirmata est super nos
misericordia eius,
et veritas Domini manet in aeternum.

2. *Pois comprovado é seu amor para conosco,
para sempre ele é fiel.*

O coro:

3. Gloria Patri et Filio,
et Spiritui Sancto.

3. *Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo,*

A assembleia:

4. Sicut erat in principio,
et nunc, et semper,
et in saecula saeculorum. Amen.

4. *como era no principio,
agora e sempre. Amém.*

Antífona mariana

SALVE, REGINA

O coro e a assembleia:

Salve, Regina,
Mater misericordiae,
vita, dulcedo et spes nostra, salve.
Ad te clamamus, exsules filii Euae.
Ad te suspiramus gementes et flentes
in hac lacrimarum valle.
Eia ergo, advocata nostra,
illos tuos misericordes oculos
ad nos converte.
Et Iesum, benedictum fructum ventris tui,
nobis, post hoc exsilium, ostende.
O clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria!

*Salve, Rainha,
Mãe de misericórdia,
vida, doçura e esperança nossa, salve!
A vós bradamos, os degredados filhos de Eva;
A vós suspiramos, gemendo e chorando
neste vale de lágrimas.
Eia, pois, advogada nossa,
esses vossos olhos misericordiosos
a nós volvei;
E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus,
bendito fruto do vosso ventre.
Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!*

O Rosário dos Pobres
Estende a tua mão ao pobre

Como se recita o Santo Rosário?

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T. *Amém.*

P. Vinde, ó Deus, em meu auxílio.

T. *Socorrei-me sem demora.*

P. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

T. *Como era no princípio, agora e sempre. Amém.*

Antes de cada dezena, enuncia-se o “mistério” a ser contemplado. Por exemplo, no primeiro mistério gozoso se contempla: “a Anunciação do Anjo a Maria”.

Após uma breve pausa de reflexão, recitam-se: um Pai-Nosso, dez Ave-Marias e um Glória.

Ao final de cada dezena da coroa do Rosário, podem-se acrescentar invocações e orações. Propõem-se, aqui, algumas tiradas da Novena a Nossa Senhora de Banneux, a Virgem dos Pobres.

Ao final do Rosário, são recitadas a Salve-Rainha, a Ladainha a Nossa Senhora ou outras orações marianas.

Introdução

Da Mensagem do Papa Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres

“A oração a Deus e a solidariedade com os pobres e os enfermos são inseparáveis. Para celebrar um culto agradável ao Senhor, é preciso reconhecer que toda a pessoa, mesmo a mais indigente e desprezada, traz gravada em si mesma a imagem de Deus. De tal consciência deriva o dom da bênção divina, atraída pela generosidade praticada para com os pobres. Por isso, o tempo que se deve dedicar à oração não pode tornar-se jamais um alibi para descuidar o próximo em dificuldade. É verdade o contrário: a bênção do Senhor desce sobre nós e a oração alcança o seu objetivo, quando são acompanhadas pelo serviço dos pobres”.

Presidente. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos. *Amém.*

P. Vinde, ó Deus, em meu auxílio.

T. *Socorrei-me sem demora.*

P. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

T. *Como era no princípio, agora e sempre. Amém.*

Primeiro Mistério

Vós sois, Senhor, o meu único bem

“Tu dizes: ‘Sou rico e abastado e não careço de nada’,
e não sabes que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu!” (Ap 3,17).

Do Livro dos Provérbios (30,7-9)

Duas coisas eu te pedi,
esperando que não as recuses, antes de eu morrer:
afasta de mim vaidade e mentira,
e não me dê indigência nem riqueza,
concedendo-me apenas minha porção de alimento.
Isto para que, estando farto, eu não seja tentado a renegar-te
e comece a dizer “Quem é o Senhor?”
ou, tendo caído na indigência, me ponha a roubar
e profane o nome do meu Deus.

Da Mensagem do Papa Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres

“O encontro com uma pessoa em condições de pobreza não cessa de nos provocar e questionar. Como podemos contribuir para eliminar ou pelo menos aliviar a sua marginalização e o seu sofrimento? Como podemos ajudá-la na sua pobreza espiritual? A comunidade cristã é chamada a coenvolver-se nesta experiência de partilha, ciente de que não é lícito delegá-la a outros. E, para servir de apoio aos pobres, é fundamental viver pessoalmente a pobreza evangélica”.

Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...

*Ó Maria, Mãe dos Pobres,
Rogai por nós.*

Oremos: Virgem dos Pobres, acompanhai-nos a Jesus, única fonte de graça, e ensinai-nos a ser dóceis ao Espírito Santo, para que se acenda em nós o fogo do amor que Ele veio nos trazer para o vinda do Seu Reino.

Por Cristo, nosso Senhor.

ou: Virgem Maria, luz de quem caminha na escuridão, sustentai os passos daqueles que são explorados e mortificados na sua dignidade, para que possamos viver na certeza de que Deus não é indiferente à sorte dos Seus filhos.

Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Segundo Mistério

A Vós eu busco, Senhor, minha esperança

“Buscai o Senhor, todos os humildes da terra, que realizais seu direito. Buscai a justiça, buscai a humildade. Talvez sereis protegidos no dia da ira do Senhor” (Sf 2,3).

Do Livro do Sirácida (Eclesiástico) (4,1-4.8)

Filho, não prives da esmola o pobre; não desvies do pobre os teus olhos.
Não entristeças quem tem fome e não exasperes o pobre em sua indignação.
Não aflijas o coração do indigente e não adies a ajuda ao angustiado.
Não rejeites a súplica do aflito e não desvies do indigente o teu rosto.
Inclina ao pobre teu ouvido sem má vontade, paga-lhe a tua dívida
e responde-lhe com brandura e mansidão.

Da Mensagem do Papa Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres

“Não podemos sentir-nos tranquilos, quando um membro da família humana é relegado para a retaguarda, reduzindo-se a uma sombra. O clamor silencioso de tantos pobres deve encontrar o povo de Deus na vanguarda, sempre e em toda parte, para lhes dar voz, defendê-los e solidarizar-se com eles face a tanta hipocrisia e tantas promessas não cumpridas, e para os convidar a participar na vida da comunidade”.

Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...

*Ó Maria, Mãe dos Pobres,
Rogai por nós.*

Oremos: Virgem dos Pobres, que dissestes: “Crede em mim, e eu creerei em vós”, nós vos agradecemos, porque nos recordais da vossa confiança. Ajudai-nos a fazer escolhas conformes ao Evangelho e a administrar a nossa liberdade no serviço recíproco e no amor de Cristo para a glória do Pai. Amém.

ou: Virgem Maria, sustento dos que em vós esperam, conservai no vosso coração todos os que são obrigados a deixar a própria terra, para que encontrem acolhida na solidariedade dos irmãos e irmãs. Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Terceiro Mistério

Erguei-me de novo, Senhor, não me abandoneis

“Do pó ele ergue o indigente, e do lixo retira o pobre
para fazê-lo sentar-se entre os príncipes, entre os príncipes do seu povo” (Sl 113,7).

Do Livro do Profeta Isaías (14,30.32)

Os primogênitos dos indigentes serão apascentados,
e os pobres repousarão com segurança.
Sim, o Senhor fundou Sião, e nela se refugiam os pobres do seu povo.

Da Mensagem do Papa Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres

“Estender a mão leva a descobrir, antes de tudo a quem o faz, que dentro de nós existe a capacidade de realizar gestos que dão sentido à vida. Quantas mãos estendidas se veem todos os dias! Infelizmente, sucede sempre com maior frequência que a pressa faz cair num turbilhão de indiferença, a tal ponto que se deixa de reconhecer todo o bem que se realiza

diariamente no silêncio e com grande generosidade. Assim, só quando acontecem fatos que transtornam o curso da nossa vida é que os olhos se tornam capazes de vislumbrar a bondade dos santos ‘da porta ao lado’, ‘daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus’, mas dos quais ninguém fala”.

Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...

*Ó Maria, Mãe dos Pobres,
Rogai por nós.*

Oremos: Virgem dos Pobres, salvai as nações! Concedei-nos a graça de sermos guiados por governantes sábios e que todos os povos, vivendo na paz e na concórdia, formem um único rebanho fiel ao único pastor.

Por Cristo, nosso Senhor.

ou: Virgem Maria, consoladora dos enfermos e dos desesperados, cuidai dos que, hoje, vivem na precariedade e na marginalização, para que, confiantes na fidelidade do Senhor, os seus corações sejam reabertos à esperança.

Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Quarto Mistério

Fazei de mim, Senhor, testemunha da alegria do Evangelho

“O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu.
Enviou-me para levar a boa nova aos pobres, para curar os de coração quebrantado,
proclamar aos cativos a libertação, aos encarcerados a liberdade” (Is 61,1).

Do Evangelho segundo Lucas (6,20-23)

Bem-aventurados vós, os pobres, pois vosso é o Reino de Deus!

Bem-aventurados vós que agora passais fome, pois sereis saciados!

Bem-aventurados vós que agora estais chorando, pois haveis de rir!

Bem-aventurados sereis quando vos odiarem, vos expulsarem e injuriarem, quando banirem o vosso nome como coisa má, por causa do Filho do Homem.

Alegrai-vos, nesse dia, e exultai, pois grande é vossa recompensa no céu.

Da Mensagem do Papa Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres

“A generosidade que apoia o vulnerável, consola o aflito, mitiga os sofrimentos, devolve dignidade a quem dela está privado, é condição para uma vida plenamente humana. A opção de prestar atenção aos pobres, às suas muitas e variadas carências, não pode ser condicionada pelo tempo disponível ou por interesses privados, nem por projetos pastorais ou sociais desencarnados. Não se pode sufocar a força da graça de Deus pela tendência narcisista de se colocar sempre a si mesmo no primeiro lugar. Manter o olhar voltado para o pobre é difícil, mas tão necessário para imprimir a justa direção à nossa vida pessoal e social. Não se trata de gastar muitas palavras, mas antes de comprometer concretamente a vida, impelidos pela caridade divina”.

Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...

Ó Maria, Mãe dos Pobres,

Rogai por nós.

Oremos: Virgem dos pobres, confortai os enfermos com a vossa presença. Ensinai-nos a levar, junto de Jesus, a nossa cruz quotidiana e fazei que nos empenhemos lealmente no serviço pelos pobres e pelos que sofrem.

Por Cristo, nosso Senhor.

ou: Virgem Maria, coração aberto e pronto para acolher tanto os que têm fome de pão quanto os que têm sede de justiça, nós vos apresentamos os nossos irmãos e irmãs explorados e humilhados: tornai-nos atentos às suas necessidades e disponíveis a caminhar com eles.

Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Quinto mistério

Senhor, dai-me a graça de viver a comunhão convosco e com os irmãos e irmãs

“A multidão dos fieis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e sobre todos eles descia generosamente a graça de Deus. Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro e o depositavam aos pés dos apóstolos. Depois, era distribuído conforme a necessidade de cada um” (At 4, 32-35).

Do Evangelho segundo Mateus (25,34-36)

Vinde, benditos de meu Pai!

Recebei em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo; pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e viestes até mim.

Da Mensagem do Papa Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres

“Neste caminho de encontro diário com os pobres, acompanha-nos a Mãe de Deus que é, mais do que qualquer outra, a Mãe dos pobres. A Virgem Maria conhece de perto as dificuldades e os sofrimentos de quantos estão marginalizados, porque Ela mesma Se viu a dar à luz o Filho de Deus num estábulo. Devido à ameaça de Herodes, fugiu, juntamente com José, seu esposo, e o Menino Jesus, para outro país e, durante alguns anos, a Sagrada Família conheceu a condição de refugiados. Possa a oração à Mãe dos pobres acomunar estes seus filhos prediletos e quantos os servem em nome de Cristo. E a oração transforme a mão estendida num abraço de partilha e reconhecida fraternidade”.

Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...

Ó Maria, Mãe dos Pobres,

Rogai por nós.

Oremos: Virgem dos Pobres, nós cremos em vós e, confiando na vossa materna intercessão, nós nos abandonamos à vossa proteção. A vós entregamos o caminho que a Igreja está percorrendo neste terceiro milênio, o crescimento moral e espiritual dos jovens, as vocações religiosas, sacerdotais, missionárias e a obra da nova evangelização.

ou: Virgem Maria, colo acolhedor para quem vive na solidão e no abandono, não permitais que nenhum dos vossos filhos e filhas sofra pela falta de carinho e de amizade, mas intercedei para que eles encontrem irmãos e irmãs dispostos a acolhê-los e a oferecer-lhes uma palavra amiga.

Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Salve Regina

Salve, Rainha,

Mãe de misericórdia,

vida, doçura e esperança nossa, salve!

A vós bradamos, os degredados filhos de Eva;

A vós suspiramos, gemendo e chorando

neste vale de lágrimas.

Eia, pois, advogada nossa,

esses vossos olhos misericordiosos

a nós volvei;

E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus,

bendito fruto do vosso ventre.

Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!

Ladainhas evangélicas (Mt 5,1-12)

Maria, Mãe dos pobres em espírito,

rogai por nós!

Maria, Mãe dos aflitos,

“

Maria, Mãe dos humildes,

“

Maria, Mãe dos que têm fome e sede de justiça,

“

Maria, Mãe dos misericordiosos,

“

Maria, Mãe dos puros de coração,

“

Maria, Mãe dos construtores da paz,

“

Maria, Mãe dos perseguidos,

“

Oremos

Senhor Jesus, nosso irmão, nós vos pedimos pelos pobres,

pelos doentes, pelos idosos, pelos excluídos;

pelos que têm fome e não têm pão, e também pelos que têm pão e não têm fome;

pelos que se veem pisoteados pelos demais;

pelos explorados, pelos alcoolizados, pelas prostitutas;

por quem está sozinho, por quem está cansado.

Libertai os que creem, Senhor,

do pensamento segundo o qual basta um gesto de caridade para sanar tanto sofrimento.

Os pobres sempre estarão em meio a nós:

eles são o sinal da nossa pobreza de peregrinos,
símbolo das nossas decepções,
vestígio dos nossos desesperos.
Nós vamos tê-los sempre conosco, ou melhor, dentro de nós.
Concede, ó Senhor, ao vosso povo em caminho
a honra de socorrer quem ficou parado ao longo da estrada
e de estarmos prontos para estender-lhe a mão para reinseri-lo no percurso,
na certeza de que quem espera em Vós não ficará frustrado.
Amém.

(D. Tonino Bello, *Palavras de Amor*)

Ou:

Ó Deus, nosso Pai misericordioso, todos os dias, muitos dos nossos irmãos e irmãs são abandonados por suas famílias e pela sociedade. Não é por falta de pão, mas é devido à falta de amor que eles são abandonados e expostos ao perigo e à morte.

Pai, perdoa-nos!

Nós te suplicamos, torna-nos capazes de amar com sinceridade os pobres que não têm nem forças para mendigar o alimento. Que possamos ser misericordiosos como Tu, Senhor, que és rico em misericórdia. Faz-nos capazes de sentir compaixão dos que se sentem abandonados e crucificados, dos inúmeros *Cristos* deste mundo, a fim de que aprendamos a amar não com as palavras, mas com os fatos e na verdade.

Pai, converte-nos!

Que saibamos estender as nossas mãos a Ti e aos irmãos e irmãs pobres partilhando do nosso pão com os famintos, confortando os aflitos e os enfermos, acolhendo as pessoas sem abrigo em nossas casas, vestindo os nus... Pois quando procuramos ser próximos dos mais pobres, quando tocamos e cuidamos das suas feridas, nós tocamos a mesma carne ferida de Jesus Redentor. Que, curando as feridas dos mais pobres, também as nossas feridas, as das famílias e da sociedade sejam curadas.

Pai, escuta-nos!

Estamos sofrendo grandes provas por causa da pandemia que atravessamos. Que nos arrependamos dos nossos erros passados e reconheçamos que somos uma só humanidade incapaz de salvar-se a si própria. Ninguém se salva sozinho, mas a salvação acontece quando, amando a Ti e aos pobres, edificamos o Teu Reino sobre esta terra.

Pai, salva-nos!

Desejamos viver no amor do Teu Filho Jesus, que derramou até a última gota do seu precioso sangue na cruz para libertar-nos do sofrimento e da morte eterna, para transformar este nosso mundo numa casa acolhedora, onde ninguém é abandonado, um mundo onde todos podemos amar a Ti e ao próximo como a si mesmo.

Pai, ama-nos! Amém.

Ladainha a Maria Mãe dos Pobres (França)

Senhor, tende piedade de nós.	Senhor, tende piedade de nós.
Cristo, tende piedade de nós.	Cristo, tende piedade de nós.
Senhor, tende piedade de nós.	Senhor, tende piedade de nós.
Cristo, ouvi-nos.	Cristo, ouvi-nos.
Cristo, atendei-nos.	Cristo, atendei-nos.
Deus Pai, nosso criador,	tende piedade de nós.
Deus Filho, nosso redentor,	tende piedade de nós.
Deus Espírito Santo, nosso santificador,	tende piedade de nós.
Trindade santa, um só Deus,	tende piedade de nós.
Santa Maria,	guiai o nosso caminho.
Santa Mãe de Deus,	iluminai a nossa estrada.
Santa Virgem das virgens,	dai-nos o Vosso Filho.
Filha do povo de Deus,	guiai o nosso caminho.
Virgem de Nazaré,	iluminai a nossa estrada.
Escolhida entre as mulheres,	dai-nos o Vosso Filho.
Virgem de coração simples,	guiai o nosso caminho.
Esposa de José operário,	iluminai a nossa estrada.
Rainha das famílias,	dai-nos o Vosso Filho.
Mulher do nosso povo,	guiai o nosso caminho.
Esperança dos oprimidos,	iluminai a nossa estrada.
Confiança dos mais pobres,	dai-nos o Vosso Filho.
Virgem, Mãe de Cristo,	guiai o nosso caminho.
Virgem, Mãe da Igreja,	iluminai a nossa estrada.

Virgem, Mãe da humanidade,	dai-nos o Vosso Filho.
Mãe que nos conheceis,	guiai o nosso caminho.
Mãe que nos escutais,	iluminai a nossa estrada.
Mãe que nos entendeis,	dai-nos o Vosso Filho.
Virgem filha da humanidade,	guiai o nosso caminho.
Filha de um povo peregrino,	iluminai a nossa estrada.
Presença viva na história,	dai-nos o Vosso Filho.
Mãe que conheceis a dor,	guiai o nosso caminho.
Mãe aos pés da cruz,	iluminai a nossa estrada.
Mãe dos que sofrem,	dai-nos o Vosso Filho.
Senhora da alegria,	guiai o nosso caminho.
Virgem luminosa,	iluminai a nossa estrada.
Rainha da paz,	dai-nos o Vosso Filho.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,	perdoai-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,	ouvi-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,	tende piedade de nós.

Rogai por nós, ó Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos

Pai bondoso, dai-nos a graça de cantar junto de Maria a vossa infinita bondade e de gozar sempre da vossa proteção, pois nela Vós nos destes uma rainha clemente para com os pecadores e misericordiosa para com os pobres. Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Oração da Mensagem do Papa Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres

Ó *Deus Pai*, criador e amante da criação, justo e providente para com todos os teus filhos, neste momento dramático que estamos vivendo devido à Covid-19, nós nos abandonamos em teus braços bendizentes, com confiança, e desejamos acolher o teu convite para estendermos a mão aos pobres que trazem em si a tua imagem.

Nós te agradecemos pelas mãos estendidas daqueles que trabalham na área da saúde e na administração dos recursos, pelas mãos dos sacerdotes, dos voluntários e de todos os que se dedicam a prestar serviços essenciais para aqueles a quem falta o necessário.

Converte quantos conservam as mãos nos bolsos e não se deixam comover pela pobreza, da qual frequentemente são cúmplices também eles. Transforma as suas mãos em instrumentos de justiça e de paz para o mundo inteiro.

Ó *Senhor Jesus*, que revelaste estar presente nos teus irmãos mais frágeis, lembra-nos que os pobres estão conosco para nos ajudar a acolher a tua companhia na nossa existência do dia a dia.

Ó *Espírito Santo*, livra-nos do turbilhão de indiferença, não nos deixes tranquilos e continua a estimular-nos para o bem. Faz-nos reconhecer e amar Jesus no rosto do pobre.

Ó *Beata Virgem Maria, Mãe de Deus*, conserva em teu coração os pobres, teus filhos prediletos, e transforma a nossa mão estendida num abraço de partilha e reconhecida fraternidade.

Amém.

Estende a tua mão ao pobre

A mão estendida: expressão do dom trinitário.

Estender a mão é um dos gestos mais simples que cada um de nós faz todos os dias, tantas vezes automaticamente. Contudo, refletindo sobre o mesmo, descobrimos que ele nos leva a profundidades inesperadas e exprime nada menos que o significado da vida, pois é um sinal autêntico de amor. A criança que vem ao mundo nasce com os punhos fechados e, durante toda a vida, seus pais têm a tarefa de ensiná-la a abri-los, para estar pronta para acolher e para doar. Logo, o recém-nascido perceberá que o primeiro efeito de estender a mão a alguém permite-lhe receber o amor dos próprios pais. Com facilidade, salta-nos à mente um elenco de bens materiais colocados à disposição da criança durante o seu processo de chegada, mas o aprendizado da acolhida, claramente, é vivido nas relações afetivas que permanecem a chave fundamental para o desenvolvimento sereno da sua identidade. Sem sabê-lo, os pais estão preparando a criança para o aprendizado fundamental de acolher.

Aprender a acolher é essencial: a criança não deveria parar aqui. Na melhor das hipóteses, os pais devem ajudá-la a perceber isso para que consiga abrir as mãos na lógica do dom. Somente depois de viver, de maneira significativa, uma variedade de experiências positivas de acolhida é que a pessoa humana pode, por sua vez, doar o amor recebido. Não existe amor completo sem a alternância e o equilíbrio destes dois movimentos: “acolher e doar”. Seria prejudicial para uma pessoa escolher viver, por toda a sua vida, somente na acolhida ou, ao contrário, na doação. O amor ficaria, inevitavelmente, ferido por causa da falta dessa alternância que não é, de fato, facultativa. E, mesmo assim, encontramos muitas pessoas que se sentem melhor vivendo apenas uma dessas modalidades. Uns são aqueles que esperam sempre receber atenção, ser acolhidos, ser cuidados e, às vezes, cuidam de si mesmos. Nesse caso, nota-se como a passagem da acolhida à doação não acontece. Por outro lado, encontramos também pessoas que desenvolveram somente a dimensão da doação. Estão sempre prontas a ajudar, a estar a serviço dos outros, podendo chegar a transcurar a si mesmas. Não amam receber presentes, não querem dar trabalho para os outros e acham normal estar constantemente a serviço. Entretanto, a alternância é extremamente desejável. Alcançá-la não é, portanto, uma ação unilateral, mas há um significado bilateral que não pode ser fragmentado. Não podemos pretender ter o monopólio da doação: é-nos pedido descobrir, também, a beleza de permitir também que o outro ofereça, de deixar que nos ame.

Por isso, essas duas modalidades (*acolher e doar*) não são voltadas a um particular grupo ou classe social, mas a todas as pessoas, pobres ou ricas. A modalidade do *doar* não é apenas para os ricos. Uma pessoa pobre pode doar e, na verdade, deve fazê-lo. O *doar* deve ser proporcional às nossas capacidades, tanto materiais quanto humanas. Uma pessoa pobre deve continuar a manter uma mão estendida para receber, mas deve, da mesma maneira, oferecer: dar do próprio tempo, escutar, ou simplesmente sorrir. Jamais devemos parar de oferecer, mesmo em condições de pobreza. O amor perfeito é a mão estendida que recebe e que oferece.

Mas de onde vem essa ideia de “acolher e doar”? Ela está enraizada diretamente no coração da Trindade. Ao descobrir a relação entre as pessoas trinitárias, chegamos a compreender que a expressão do amor do Pai pelo Filho é vivida no fato de que o Pai se doa inteiramente ao seu Filho, e o Filho o acolhe. Aí está também o segundo movimento, no qual o Filho, por sua vez, por puro amor, doa-se completamente ao Pai que o acolhe. Assim, existe um que se esvazia completamente e um que acolhe completamente. O oferecimento da riqueza produz o despojo do doador, e acolhida produz a riqueza daquele que recebe; e um amor

perfeito assegura que tudo seja exprimido novamente, num movimento de *pericórese*, um movimento circular e perpétuo. Obviamente, o movimento circular é o modo de amar de Deus. Toda a pessoa tem essa capacidade de amar, mas pode aplicá-la somente na relação com uma outra pessoa. Estender a mão não é outra coisa senão um gesto relacional.

Durante estes meses de pandemia, tivemos que lutar contra a difusa ideia que considera o isolamento como uma graça extraordinária, afirmando que a relação ética fundamental é a relação de si consigo mesmo. Essa ideia é errada, pois a relação ética fundamental é a relação entre si mesmo e os outros. Nenhum amor é verdadeiro ou completo sem relação. Aproveitamos todas as situações da nossa vida quotidiana para alcançar a capacidade de nos relacionarmos no amor e no dom de nós mesmos, melhorando o nosso modo de acolher, mas também a nossa forma de doar. Que o Senhor nos ensine o equilíbrio entre oferecer e receber no gesto das mãos estendidas, a fim de que manifestemos o amor trinitário presente em nosso meio.

Neste IV Dia Mundial dos Pobres, propomos alguns gestos de doação e de acolhida a serem encorajados nas dioceses, paróquias, grandes e pequenas comunidades cristãs. As sugestões a seguir podem ser modificadas segundo a sensibilidade e as exigências próprias de cada comunidade. Permitamos que o Espírito Santo trabalhe em nós, para que não sejamos obstáculos ao amor que nos vem dos outros e ao amor que podemos oferecer.

Propostas pastorais

- Organizar uma peregrinação para os pobres, para permitir que tenham a possibilidade de sair do próprio ambiente e possam fazer novas amizades, visitar novos lugares e, sobretudo, viver uma experiência de fé.
- Propor um retiro espiritual ou um momento de oração para as pessoas pobres.
- Refletir, juntos, sobre as expressões da piedade popular e permitir aos pobres de vivê-las autenticamente, sem transcurar uma catequese apropriada que lhes possibilite colher a riqueza e a profundidade de cada momento.
- Oferecer a um pobre um pequeno objeto religioso que o acompanhe na vida quotidiana.
- Apresentar figuras de santos ou beatos locais, aos quais os pobres possam confiar as suas intenções.
- Aproveitar este Dia Mundial dos Pobres para visitar as pessoas que estão sós, seja nos hospitais, nos asilos, seja, até mesmo, em suas casas.
- Prestar especial atenção aos jovens sós, abandonados, rejeitados. Convidá-los para uma atividade que favoreça a inserção em um novo grupo.

- Acolher e ajudar mães solteiras.
- Promover círculos de partilha para discutir sobre as pobrezaas pessoais e para encontrar novos caminhos para acolher a riqueza que Deus quer oferecer-nos.
- Organizar encontros de reflexão para profissionais e dirigentes de empresas sobre o tema da pobreza.

Catequese e pobreza **Reflexões a partir do novo *Diretório para a catequese***

No dia 25 de junho de 2020, foi oferecido a toda a Igreja o novo *Diretório para a catequese*, um documento elaborado pelo *Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização* e aprovado pela Papa Francisco no dia 23 de março. O *Diretório*, o terceiro depois do de 1971 e do 1997, pretende recordar e apoiar o empenho de toda a Igreja – e em partilhar, o serviço de todo catequista – no anúncio do Evangelho em todo mundo. O objetivo do novo documento é tornar a catequese eclesial sempre mais missionária, evidenciando as características que a colocam a serviço da *nova evangelização*.

O *Diretório*, procurando apresentar, através de um olhar orgânico, a globalidade da vida cristã à qual tende a catequese, não poderia não tocar na questão dos pobres e da pobreza, tratando do tema, principalmente, em duas diferentes partes do documento. No contexto do cap. VIII “A catequese na vida das pessoas”, aborda-se a “Catequese com os migrantes” (n. 273-276) e a “Catequese com as pessoas marginalizadas” (n. 279-282); em seguida, encontra-se o parágrafo “Catequese e opção pelos pobres” (n. 385-388) inserido no cap. X, que se ocupa da catequese diante dos diversos cenários socioculturais hodiernos. Em síntese, é possível afirmar que o *Diretório* oferece três considerações a respeito do nexos entre catequese e pobreza:

1. A catequese em relação à pobreza

A primeira consideração – que encontramos nos números 385-386 e 388 – é de tipo fundamental: a catequese, que tem a tarefa de fazer amadurecer a semente do Evangelho mediante o acompanhamento dos processos pessoais de amadurecimento na fé, deve considerar que, para a Igreja, a opção pelos pobres é uma verdadeira categoria teológica que pertence à sua constante Tradição e que deve ser adequadamente apresentada e valorizada em todos os caminhos ordinários de catequese. Nessa ótica, seria muito bonito se, nos percursos de iniciação cristã para as crianças ou para os catecúmenos adultos, ou nos itinerários de formação cristã nos grupos e nas associações, fosse anunciado aquilo que é brevemente descrito no n. 386: “No Filho unigênito, o próprio Deus fez-Se pobre para enriquecer a humanidade (cf. *Fl* 2,6-8). No anúncio do Reino de Deus, Jesus considera os pobres como destinatários privilegiados (cf. *Lc* 4,18-19; *Mt* 11,5). Ele declara que os pobres são felizes (cf. *Lc* 6,20-21), ensinando deste modo que servir e acolher cada pessoa em situação de pobreza significa reconhecer a presença do próprio Jesus, a ponto de poder identificá-lo com eles: ‘A mim o fizestes’ (*Mt* 25,40)”. É um verdadeiro e próprio anúncio kerygmático do coração do Evangelho, que narra em poucas linhas a condescendência divina em relação com a humanidade e liga indissolavelmente o discipulado cristão à escolha de fazer amadurecer atitudes de pobreza e sobriedade, de partilha e generosidade. O *Diretório* diz também: “Para os discípulos de Cristo, a pobreza é, antes de mais, uma vocação a seguir Jesus pobre, é uma atitude do coração que impede de pensar nas realidades contingentes como objetivo de vida e condição para a felicidade”. Recapitulando a capacidade própria da catequese de “evangelizar educando” na concretude de todos os espaços onde se realiza o seu anúncio, a comunidade cristã é solicitada a formar os próprios filhos à vida cristã na sua plenitude, completamente visível quando o encontro com Cristo se torna serviço aos mais pobres.

2. Ser evangelizados pelos pobres

Prosseguindo com essa reflexão, é fácil chegar à consciência que ajuda a Igreja a viver “um dinamismo missionário que implica um enriquecimento recíproco”, conforme recita o n. 387. Apreciando uma provocação do Papa Francisco na exortação *Evangelii Gaudium*, o *Diretório* convida os cristãos a colocar-se à escuta do anúncio que vem da própria presença dos pobres e a “reconhecer a força salvífica das suas vidas”. Trata-se de uma afirmação forte, que permite receber de Deus, graças à mediação dos seus filhos mais vulneráveis e necessitados, um autêntico anúncio pascal sobre o valor do sofrimento vivido com Cristo. Os pobres, de fato, que “nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor” (EG 198), têm uma experiência imediata e experiencial da fé, que ressoa para toda a comunidade como uma verdadeira catequese.

3. Evangelizar os pobres

A terceira consideração que tiramos do *Diretório para a catequese* diz respeito à tarefa que a Igreja tem para com os irmãos mais pobres e que consiste em considerar que o vértice do cuidado a ser exercido é a atenção à fé. Não é incomum, de fato, constatar que, geralmente, as atenções eclesiais para com os mais necessitados tratam apenas dos aspectos mais imediatos da vida, como o alimento, o abrigo, a saúde. Sem diminuir de maneira alguma o valor dessas ações, o Papa Francisco não hesita em recordar o valor de uma “solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG 200), que é a caridade maior. O *Diretório*, nos números 279-280, reconhece que o empenho catequético para com os mais pobres, voltado a dar a conhecer explicitamente o Senhor Jesus e a iluminar com fé e esperança mesmo as existências mais marcadas pela fadiga, quase sempre tem o caráter da informalidade e da ocasião. Trata-se de uma pastoral do primeiro anúncio, simples e espontânea, que passa através do calor de uma relação humana, mas que, igualmente, requer empenho associado a uma certa dose de “competência”. Esse é um espaço muito fecundo de crescimento para os agentes da caridade em nossas comunidades eclesiais, chamados, de certa maneira, a sentir-se catequistas dos mais pobres. O *Diretório* oferece, ainda, algumas indicações específicas para o serviço catequético com os migrantes (n. 273-276) e os encarcerados (n. 281-282), úteis para quem trabalha nesses campos particulares.

Sugestões para uma avaliação da catequese em relação aos pobres e à pobreza:

- Quão presente está nos percursos ordinários de catequese infantil e de jovens e adultos o anúncio da bem-aventurança da pobreza, segundo os ensinamentos do Senhor e o constante ensinamento da Igreja? Quanto educam os percursos de fé nos grupos e nas associações a uma vida pobre e sóbria, ou quanto ajudam a interrogar-se sobre um uso correto dos bens materiais?
- Na vida da comunidade eclesial, existe disponibilidade para acolher a mensagem que os pobres anunciam com a própria vida? A comunidade tem consciência de que cada cristão pode *receber* também dos pobres o anúncio do Evangelho?
- O serviço caritativo para com os mais necessitados é visto como “obra de evangelização”? Os agentes da caridade são capazes de instruir e despertar uma “sede de Cristo” no fundo do coração daqueles a quem servem? É possível constatar que a formação dos voluntários dá também atenção ao tema do primeiro anúncio da fé?

O LOGÓTIPO DO DIA MUNDIAL DOS POBRES

A dimensão da reciprocidade é contemplada pelo logótipo do *Dia Mundial dos Pobres*. Vê-se uma porta aberta e, à entrada, duas pessoas que se encontram. Ambas **estendem a mão**: uma porque pede ajuda, a outra porque pensa em oferecer ajuda. Na verdade, é difícil compreender qual dos dois é o verdadeiro pobre. Melhor dizendo, ambos são pobres. Quem estende a mão para entrar está a pedir partilha; quem estende a mão para ajudar é convidado a sair para partilhar. São duas mãos estendidas que se encontram, em que cada uma delas oferece algo. São dois braços que exprimem solidariedade e que se provocam reciprocamente, convidando a não ficar no limiar da porta, mas a ir ao encontro um do outro. O pobre pode entrar em casa quando quem está dentro compreende que a ajuda é partilha. Neste contexto, tornam-se ainda mais expressivas as palavras que o *Papa Francisco* escreveu na sua Mensagem: «“Estende a tua mão ao pobre” (*Sir* 7, 32): a sabedoria antiga dispôs estas palavras como um código sacro que se deve seguir na vida. Hoje ressoam com toda a densidade do seu significado para nos ajudar, também a nós, a concentrar o olhar no essencial e superar as barreiras da indiferença. A pobreza assume sempre rostos diferentes, que exigem atenção a cada condição particular: em cada uma destas, podemos encontrar o Senhor Jesus, que revelou estar presente nos seus irmãos mais frágeis (cf. *Mt* 25, 40)».

ÍNDICE

Apresentação de D. Rino Fisichella

Mensagem do Santo Padre Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres

Homilia do Santo Padre Francisco no III Dia Mundial dos Pobres (17 de nov. de 2019)

Reflexões e propostas para o IV Dia Mundial dos Pobres:

I Proposta de *Lectio divina*

“Lembrar-se dos pobres”

II Proposta de *Lectio divina*

“Estende a tua mão ao pobre, agora!”

Comentário a *Sir 4,1-10*

“Filho, não rejeites a súplica do aflito...”

Comentário teológico-pastoral a *Sir 7,32-36*

“Estende a tua mão ao pobre...”

Vigília de oração “Estende a tua mão ao pobre” (*Sir 7,32*)

Exposição da Santíssima Eucaristia e Adoração

O Rosário dos Pobres

Oração inspirada na Mensagem do Santo Padre Francisco
para o IV Dia Mundial dos Pobres

Propostas pastorais:

Estende a tua mão ao pobre:

A mão estendida: expressão do dom trinitário

Catequese e pobreza

Reflexões a partir do novo *Diretório para a catequese*

O logótipo do Dia Mundial dos Pobres

Um agradecimento especial ao:

- Rev. P. Ronald D. Witherup, P.S.S. (Superior Geral da Companhia dos Padres de São Sulpício - França),

- Rev. Giovanni Mazzillo (Pontificia Università Teologica dell'Italia Meridionale - I.T.C. "S. Pio X" - Catanzaro),

- Rev. Pierpaolo Lippo (Pontificio Istituto Biblico - Roma),

- Rev. Francesco Dell'Orco (Università Cattolica del S. Cuore - Roma),

- Rev. P. John Oh Woong-Jin ("House of Hope" Kkottongnae - Coreia do Sul).